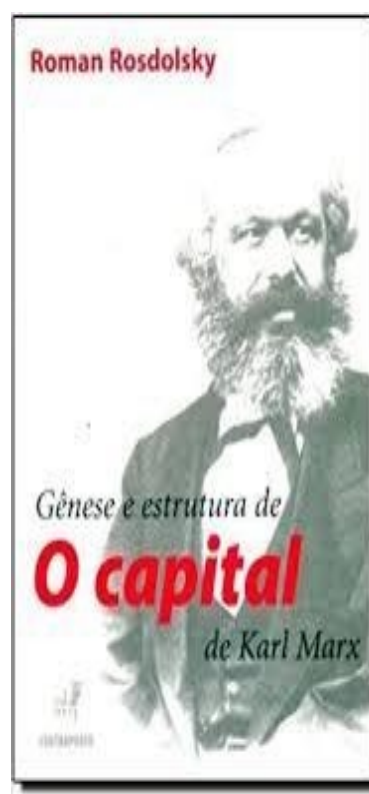


SEÇÃO PRINCIPAL

ARTIGOS EXPOSITIVOS DA BIBLIOGRAFIA DE
KARL MARX DA CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA
CAPITALISTA

ARTIGO I
**GÊNESE E ESTRUTURA
DE *O CAPITAL***



FOLHETO Nº 13 – 30.11.2023

PARTE VI – CONCLUSÃO

**Capítulo 28 – O limite histórico da lei do valor.
Observações de Marx sobre a ordem social socialista**

**Capítulo 29 – A reificação das categorias econômicas e a
“verdadeira concepção do processo social de produção”**

SUMÁRIO

FOLHETO Nº 13 (publicado em 30.11.2023)

PARTE VI – CONCLUSÃO

NOTA DO ARTICULISTA [3](#)

Capítulo 28 – O limite histórico da lei do valor. Observações de Marx sobre a ordem social socialista [6](#)

Capítulo 29 – A reificação das categorias econômicas e a “verdadeira concepção do processo social de produção” [32](#)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS [35](#)

FOLHETO Nº 13

PARTE VI – CONCLUSÃO

NOTA DO ARTICULISTA¹

O Blog Expedição Karl Marx: Para ler *O capital* pretende ser uma espécie de “caravana literária virtual” de iniciação à **teoria crítica da economia política capitalista** edificada pelo teórico e filósofo alemão-prussiano **Karl Heinrich Marx**², cujo destino final consiste no estudo da obra *O capital: Crítica da economia política*, ou, simplesmente, *O capital*³.

Para efeito do itinerário da “expedição”⁴, optamos por conhecer, inicialmente, os escritos de Marx antecedentes que serviram de base à elaboração d’*O capital*. Agindo assim, aspiramos construir uma base de conhecimento tal que nos permita captar da forma mais consistente possível o que o teórico alemão tem a dizer nos quatro livros da sua obra definitiva.

Como se estivéssemos realmente inseridos numa missão expedicionária propriamente dita, por analogia, a divulgação do material resultante do trabalho “exploratório” do pensamento crítico-econômico marxiano⁵ dar-se-á por meio de artigos expositivos da nossa autoria, publicados no formato de folhetos (fascículos) periódicos, acompanhados de apêndice e/ou material complementar sempre que avaliarmos necessários para uma melhor e mais ampla compreensão do conteúdo da obra acessada.

1 Articulista: Rui Eduardo Silva de Oliveira Pamplona, bacharel em Ciências Econômicas e Direito; pós-graduado em MBA Agronegócio, MBA Executivo em Gestão Financeira e Especialização em Direito.

2 Na [Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx: uma introdução](#), deste Blog, apresentamos um resumo da vida e obra do filósofo alemão, bem assim dos principais aspectos do seu pensamento.

3 *O capital*, subtítulo *Crítica da economia política* (em alemão: *Das Kapital: Kritik der politischen Ökonomie*), em seus quatro volumes – Livro I - *O processo de produção do capital* (1867); Livro II - *O processo de circulação do capital* (1885); Livro III - *O processo global da produção capitalista* (1894) e Livro IV - *Teorias da mais-valia: História crítica do pensamento econômico* (1905) –, traz o resultado de um minucioso exercício investigativo acerca das relações socioeconômicas no âmbito do modo de produção capitalista, desde suas origens. Uma exposição da mais profunda investigação crítico-científica do capitalismo que se tem conhecimento. Na referida *Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx: uma introdução*, subseção [“Pensamento econômico”](#), apresentamos um arrazoado da obra, contemplando as sinopses dos livros que a compõem, além da conceituação preliminar de economia política, capitalismo, modo de produção, capital e de outras categorias econômicas ali presentes.

4 Veja a página [Roteiro da Expedição](#), deste Blog.

5 Em vista do uso corriqueiro na literatura sobre Karl Marx de expressões derivadas do seu nome para identificar o interlocutor a que se referem, como “marxiano(a)”, “marxólogo(a)” e “marxista”, o que neste trabalho não será diferente, é importante mencionar os critérios que utilizamos para também empregá-las neste artigo expositivo: o termo “marxiano(a)” será adotado para referirmos aos escritos e pensamento do próprio Marx; a expressão “marxólogo(a)”, por sua vez, será aplicada em alusão aos empreendedores de uma análise científica, isenta e apartidária das suas ideias; já o vocábulo “marxista” será tomado quando da menção àqueles que buscam interpretar, não sem divergências entre si, o amplo campo do pensamento sociológico, econômico, político e filosófico de Marx, e sua análise metodológica desses aspectos, na defesa de uma prática política transformadora e revolucionária da sociedade que, em seu conjunto, se denomina [“marxismo”](#).

Nessa linha, iniciamos o primeiro trecho da nossa “caravana” com o **Artigo Expositivo I** que trata, excepcionalmente, da única obra não autoral de Marx contemplada neste projeto: o livro do pensador marxista ucraniano Roman Rosdolsky, *Gênese e estrutura de “O capital” de Karl Marx*, publicado na Alemanha em 1968.⁶

Gênese é avaliado como um “guia” de acesso ao universo teórico e metodológico da crítica de Marx à economia política capitalista, visto se tratar de um **comentário robusto e esclarecedor dos primeiros manuscritos propriamente econômicos redigidos e organizados pelo nosso teórico alemão em 1857/1858**, cujo conjunto, composto por sete cadernos, só foi publicado bem mais tarde, em 1939, na cidade de Moscou, sob o nome *Grundrisse (Elementos (Esboços) fundamentais para a crítica da economia política)*. Este conjunto de manuscritos é distinguido não só como o marco inaugural da investigação crítico-científica de Karl Marx da sociedade burguesa, mas também como a base teórica e metodológica do que viria a ser *O capital*, sendo considerado o “laboratório econômico” marxiano.⁷

Apesar de focar nos *Grundrisse*, o autor ucraniano ao longo de todo o seu trabalho busca fazer comparação entre os pontos de vistas de Marx esboçados nos *Grundrisse* e os expostos nas obras anteriores e posteriores, sobretudo em *O capital*, incluindo aspectos não apresentados naqueles manuscritos, pelo menos com alguma profundidade.⁸

Exatamente por ser considerada uma obra de excelência e também fundamental para se acessar o “laboratório econômico” de Marx, escolhemos adotar o livro do pensador marxista ucraniano Roman Rosdolsky como ponto de preparação e de “aclimatação” para nossa **Expedição**. A complexidade do conteúdo, método e escrita dos *Grundrisse* faz do estudo de *Gênese e estrutura de “O capital”* uma tarefa preliminar, mas não por isso menos importante, muito pelo contrário, para acesso ao que denominamos, por analogia, de “trilha” marxiana da crítica da economia política, incluindo o estudo direto dos próprios manuscritos de 1857/1858.

Quanto ao aspecto editorial da elaboração do Artigo Expositivo I, utilizamos um exemplar da edição brasileira de *Gênese*, datada de 2011, publicada pela Contraponto Editora, cuja imagem de capa, extraída do *site* da própria editora⁹, espelhamos na página de abertura do artigo.

Para efeito da metodologia adotada neste trabalho, buscaremos reproduzir o conteúdo de *Gênese e estrutura de “O capital”* e não, necessariamente, interpretá-lo. Apenas lançaremos mão de juízo pessoal ou advindo de

6 De Roman Rosdolsky e da história da elaboração do seu livro tratamos no [Folheto nº 01](#).

7 ROSDOLSKY, Roman. *Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx*. Rio de Janeiro-RJ: Contraponto Editora, 2001, Orelha. Sobre os *Grundrisse*, seu nascimento, descoberta e publicação, reveja o já mencionado [Folheto nº 01](#).

8 Quando tal fato ocorrer, faremos a devida menção e citação bibliográfica.

9 Disponível em <https://www.contrapontoeditora.com.br/produto.php?id=73>. Consultado em 01.04.2020.

outros autores quando assim nos for exigido pelo grau de complexidade de alguma ideia, frase ou parágrafo, ou, ainda, pela necessidade de contextualização de um determinado fato/acontecimento, entre outras singularidades contidas na obra. Como critério de edição dessas intervenções, eventuais intromissões deste articulista serão feitas entre colchetes, sempre utilizando a expressão “digo eu” ou equivalente. Na hipótese de recorrermos a escritos de outros autores tal identificação dar-se-á por meio de citações diretas ou indiretas devidamente referenciadas.

Até o presente momento, conhecemos os seguintes temas abordados em *Gênese*: no Folheto nº 01 vimos como nasceram os *Grundrisse* (descrição da trajetória intelectual de Marx de 1842/1843 até a publicação d’*O capital*); no Folheto nº 02 tivemos contato com a estrutura da obra *O capital* e com a análise da metodologia utilizada na investigação da crítica marxiana da economia capitalista, bem assim com a digressão realizada por Rosdolsky sobre o problema da categoria do valor de uso das mercadorias na economia capitalista (um estudo da problemática do fator utilidade no âmbito de uma economia voltada para a troca e para o lucro); nos Folhetos nº 03 a 05 fomos apresentados à primeira formulação da teoria de Karl Marx sobre o dinheiro; nos Folhetos nº 06 a 09 e nos Folhetos nº 10 e 11 acessamos, respectivamente, as seções sobre o processo de produção e sobre o processo de circulação do capital; e, mais recentemente, no Folheto nº 12, conhecemos a análise marxiana, sob as vistas de Roman Rosdolsky, acerca do capital produtivo e das categorias do lucro e juros.¹⁰

Neste Folheto nº 13, que retrata a última parte do comentário de Rosdolsky dos *Grundrisse*, apresentamos os dois capítulos que constam da parte conclusiva de *Gênese*, mas não só. Com vistas a também apresentar para o leitor o que apreendemos do estudo da excepcional obra desse grande pensador marxista ucraniano, optamos por dividir o referido fascículo em dois momentos: o primeiro momento será dedicado à conclusão exposta pelo autor ucraniano na Parte VI do seu livro; o segundo será reservado para a conclusão deste articulista.

Com o intento de acessar de forma completa o livro de Roman Rosdolsky, considerando que o autor acrescentou em *Gênese* uma sétima parte relativa ao exame crítico de várias abordagens de autores, marxistas e não marxistas, acerca das principais categorias apresentadas por Karl Marx no Livro I d’ *O capital*, no próximo e derradeiro fascículo do Artigo Expositivo I, na forma de apêndice ao Folheto nº 13, trazemos quatro ensaios críticos produzidos por Roman sobre os seguintes temas: o problema do trabalho qualificado; o problema da “falsa racionalização”; a crítica de Joan Robinson a Marx; e, por fim, a economia neomarxista.

10 Confira os folhetos publicados em <https://expedicaokarlmarx.com.br/artigo-expositivo-de-genese-e-estrutura-de-o-capital-2-2-2-2-3/>.

Capítulo 28: O limite histórico da lei do valor. Observações de Marx sobre a ordem social socialista

Na abertura do capítulo, de pronto, Roman Rosdolsky faz uma revelação, pelo menos para os não especialistas no universo do pensamento marxiano como este articulista: que, Karl Marx, *pari passu* à investigação crítica da economia política capitalista, também examinava a possibilidade da **transição ao socialismo**, uma transição que culminaria na dissolução do modo de produção capitalista e da forma de sociedade baseada no valor e no lucro, a sociedade burguesa. Porém, e aqui talvez a maior surpresa, Marx fazia esse exame sob a perspectiva das **contradições** das leis que conformam e regem o próprio capitalismo, o qual pretendia superar e abolir. Nessa linha, estudava as possibilidades de uma revolução socialista que viria resolver as contradições da forma social burguesa; contradições não passíveis de resolução por meio de reformas visto que imanentes ao sistema vigente. Assim, inovava na maneira de lidar com a ideia de “superação do que existe” ao pretender investigar os fatores reais que a prenunciavam e impulsionam “o surgimento de uma nova forma histórica”.¹¹

Eis aí uma observação necessária e fundamental para afastar a ideia completamente errônea de que Marx e Friedrich Engels propuseram num estalo de inteligência suprema, ou até de “divindade”, uma forma ideal de sociedade. Nada mais falso. Em verdade, os dois revolucionários alemães construíram uma teoria crítica política, social e econômica que ficou conhecida como “socialismo ‘científico’”, em contraposição ao denominado “socialismo ‘utópico’”, corrente que ganhava cada vez mais a adesão da classe trabalhadora europeia da época¹².

Segundo Roman Rosdolsky, no último livro do plano estrutural original de 1857 da crítica da economia política capitalista,¹³ ao qual os *Grundrisse* correspondem, o filósofo alemão tinha a intenção de investigar os fatores internos que prenunciavam a superação da ordem social burguesa e impulsionavam o surgimento de uma nova forma histórica de sociedade, com vistas a “ocupar-se da transição ao socialismo, com a ‘dissolução do modo de produção e da forma de sociedade baseada no valor de troca’”. Nessa direção, o centro da sua atenção foi o **limite histórico da lei do valor**, ou, como diz Roman, a “interrogação sobre as vicissitudes [contratempos, problemas, incidentes, circunstâncias de mudanças, digo eu] da lei do valor”.¹⁴

Ou seja, o autor dos *Grundrisse* pretendia focar nas intercorrências a que estaria sujeita a lei do valor, **a lei base das leis gerais da economia capitalista** – a **“lei do valor-capital”** (grifo nosso), ou, ainda, **“a ‘lei da subordinação crescente do**

11 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 345.

12 Sobre as duas doutrinas, veja o texto de nossa autoria [Socialismo “científico” e Socialismo “utópico”](#).

13 Dos planos estruturais elaborados por Marx para o desenvolvimento da sua crítica da economia política, e que culminariam na sua obra *O capital*, tratamos no [Capítulo 2](#) do Folheto nº 02.

14 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 345.

trabalhador ao capital” (grifo nosso), segundo o professor Patrick Rodrigues Andrade.¹⁵ É dessa problemática que Roman cuida nos três itens do capítulo 28, a saber: “Observações de Marx sobre o desenvolvimento da individualidade humana no capitalismo”, “O papel da maquinaria como condição material para a sociedade socialista” e “A extinção da lei do valor no socialismo”. Vamos ao primeiro item: **“Observações de Marx sobre o desenvolvimento da individualidade humana no capitalismo”**.

Antes de ingressarmos no conteúdo do item, tratemos brevemente dos conceitos de “indivíduo” e “individualidade” em Karl Marx. Segundo o professor Eduardo Chagas, “Para Marx, o **indivíduo** é, em primeira instância, **um ser real, natural vivente, um ser orgânico**, possuidor não só de **necessidades naturais**, mas também de **potencialidades**, capazes de autofabricar o próprio indivíduo [sic], de produzir as condições de sua própria vida material, os meios para satisfazer as suas necessidades vitais” (grifo nosso). Todavia, na concepção marxiana, prossegue o professor Eduardo, o indivíduo também é **produto e obra da sociedade**. Quer dizer, em Marx, “o indivíduo é um **ser social-consciente**, que transcende o estreito limite de sua constituição natural, biológica, pois ele não possui uma natureza inata, fixa, imutável, que se encontra completamente pronta em sua estrutura genética, orgânica, dada imediatamente, mas que se autocria, se autoforma, através de seu **trabalho** [no sentido geral de atividade produtiva e criativa, remunerada ou não, digo eu]”. Chamamos a atenção para o *status* do trabalho na definição marxiana de indivíduo, elevado à categoria de atividade vital. Como diz Chagas, “o trabalho, rompe com os limites naturais, pois pressupõe não uma genericidade¹⁶ natural, muda, interior, mas uma genericidade social; não o indivíduo isolado, mas a interatividade social entre os indivíduos, [sic] e, no trabalho, o indivíduo evidencia sua essência genérica, que o diferencia do animal. No trabalho, o indivíduo se prova como ser genérico, é gênero para si, se relaciona consigo e com os outros como ser genérico, como um ser universal e, por isto, livre”.¹⁷ Nesta acepção, o indivíduo não pode ser

15 ANDRADE, Patrick Rodrigues. **A “lei do valor” e o projeto socialista**. Campinas-SP: Unicamp. Cemax, p. 4. Disponível em https://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt7/sessao1/Patrick_Andrade.pdf. Consultado em 26.10.2023.

16 Segundo Betânia Moreira de Moraes, a *genericidade* consiste na “unidade ontológica entre indivíduo e gênero”, sendo “a unidade de dimensões distintas de um mesmo ser; unidade que, portanto, comporta diferenças”, e que “tem por substância o resultado da história social-humana, história essa que se efetiva na forma de sociabilidade que, por sua vez, resulta do caráter particular, da forma e do conteúdo da atividade dos indivíduos na produção de sua vida”. Ainda conforme Moraes, “A forma própria de ser da individualidade humana e de cada indivíduo singular é essencialmente unida ao processo reprodutivo do ser social na sua totalidade, totalidade essa cuja substância tem como tecido os nexos entre genericidade e sociabilidade, resultado da ação dos indivíduos singulares e da reciprocidade de seus atos” (in MORAES, Betânia Moreira de. **As bases ontológicas da individualidade humana e o processo de individuação na sociabilidade capitalista: um estudo a partir do Livro Primeiro de O Capital de Karl Marx**. Fortaleza-CE: Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará - FAGED/UFC, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação Brasileira. 2007, p. 109. Disponível em <https://1library.org/br/download/874612275562414082>. Consultado em 26.10.2023).

17 CHAGAS, F. Eduardo. **O indivíduo na teoria de Marx**. Revista Dialectus. Ano I, nº 2, 2013, p. 9 e 12. Disponível em <http://periodicos.ufc.br/dialectus/issue/view/356/326>. Consultado em 26.10.2023.

no capitalismo. De partida, o nosso autor ucraniano coloca uma questão fundamental e bastante cara para “os fundadores do marxismo”, ou do “socialismo científico”, Karl Marx e Friedrich Engels: **o rechaço a qualquer especulação sobre como seria um futuro socialista**. Segundo Rosdolsky, este tipo de especulação “implicaria inventar um sistema acabado, tendo como base ‘princípios eternos da justiça’ e ‘leis imutáveis da natureza humana’ [como faziam os socialistas “utópicos”, digo eu]”.²²

De acordo com Roman Rosdolsky, tal objeção está lastreada na **concepção materialista da história** elaborada por Marx e Engels²³, cuja base científica buscava superar as doutrinas dos socialistas “utópicos”. A partir dela se passou a enfocar de forma completamente distinta o advento da futura ordem socialista. Não mais se deveria enxergar o socialismo, anuncia Rosdolsky, “como um mero ideal, mas sim como uma fase necessária do desenvolvimento da humanidade, em direção à qual a história tende. Por isso, só se poderia falar de uma futura formação social, de tipo socialista, quando já se pudessem visualizar **germes** dessa nova formação na **história vivida**, bem como compreender suas **tendências evolutivas**” (grifo nosso). Atenção para as palavras em destaque. Não aparecem aí em vão.

Apesar de reconhecer que o socialismo marxiano/engeliano não surge de um estalo de genialidade, da noite pro dia, dos dois teóricos, não sendo, portanto, obra dada, pronta e acabada, Roman assenta que Marx e Engels formularam sim ideias sobre a ordem econômica e social socialista. Aliás, considera que essas ideias desempenharam importante papel no “edifício doutrinário do marxismo”. Inclusive ressalta que *O capital* “surge do desejo de investigar a **estrutura interna** e as **leis de movimento** do modo de produção capitalista, assim como de **oferecer provas** da possibilidade e da necessidade da ‘**grande mudança**’ destinada a pôr fim à ‘**autoalienação**’ humana” (grifo nosso) – oferecer provas da possibilidade de formas sociais socializantes capazes de superar a ordem social vigente e assim alcançar, com o comunismo, o que Marx entende como a “emancipação humana” (o que não é a mesma coisa de “emancipação política”).²⁴

Uma coisa é afirmar que Marx não escreveu um manual de como construir e desenvolver uma sociedade socialista e, mais à frente, uma sociedade comunista. E isto é absolutamente correto. Outra coisa é dizer que não se encontra em *O capital*

22 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 345 (Idem em relação à redação do parágrafo seguinte). Nos textos da nossa autoria, *Socialismo “científico” e Socialismo “utópico”*, já citado em Nota anterior, e *Arrazoado do livro Miséria da Filosofia*, publicados na Seção Preliminar – Conhecendo Karl Marx: uma introdução, deste Blog, buscamos contextualizar o grande embate teórico, político e ideológico de Marx e Engels com os chamados socialistas “utópicos”, estes na figura do filósofo francês [Pierre-Joseph Proudhon](#). Igualmente, desta feita no próprio Artigo Expositivo I, precisamente no [Folheto nº 3](#), quando do estudo da *Parte II - A primeira formulação da teoria de Marx sobre o dinheiro*, estampamos a crítica marxiana à elaboração de Proudhon da “Teoria do dinheiro-trabalho”, à qual Marx se opôs ferozmente, sobretudo quantos aos efeitos negativos que, segundo ele, tal teoria poderia produzir e já estava produzindo na formação política da classe trabalhadora da época e na ascensão do movimento operário europeu.

23 Sobre a referida concepção metodológica e filosófica dos fenômenos sociais tratamos no escrito da nossa autoria, *O materialismo histórico e dialético*, publicado na Seção Preliminar – Conhecendo Karl Marx, deste Blog.

24 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 345 e 346.

e em trabalhos anteriores “digressões e observações [aqui e ali, digo eu] que se ocupam dos problemas da ordem social socialista e que permitem reconhecer com clareza o que aproxima e o que afasta as doutrinas de Marx e as dos socialistas utópicos”, arremata o autor de *Gênese*. Ele prossegue: tais digressões e observações existem e se fizeram necessárias em virtude do **método materialista histórico e dialético**, “que aspira a compreender todo fenômeno social no fluxo do seu **devir** [vir a ser, digo eu], **existência e fim**” (grifo nosso). A concepção materialista dialética considera e prescreve que houve modos de produção historicamente anteriores e, ao mesmo tempo, “chama a atenção para ‘aspectos que, prefigurando o movimento nascente do futuro, insinuam a abolição da forma atual das relações de produção’”, completa Roman citando Marx.²⁵

Karl Marx ensina: a investigação materialista dialética dos fenômenos sociais, aplicada aos modos históricos de produção, considera que, se de um lado, as fases pré-capitalistas se anunciam como “*pressupostos puramente históricos*” (grifo do autor), posto que abolidos, “*de outro as condições atuais da produção se apresentam como em via de abolir a si mesmas e, portanto, como em via de criar os pressupostos históricos para um novo ordenamento da sociedade*” (grifo do autor). Em nossas palavras: **uma nova forma social surge sempre das entranhas das condições atuais da própria forma social vigente**. Portanto, conforme Roman Rosdolsky, “A investigação materialista dialética do modo de produção capitalista conduz à confrontação entre este modo de produção e as formações sociais pré-capitalistas, de um lado, e entre ele e o ordenamento social socialista, de outro”. Neste ponto, reportamo-nos ao realce que fizemos em parágrafo anterior das palavras “germe”, “história vivida” e “tendências evolutivas” quando começamos a abordar o tema da transição socialista à luz do método marxiano/engeliano de compreensão dos fenômenos sociais; aí está a razão.

Ancorado nessa concepção metodológica, Karl Marx, segundo Roman, divide a história da humanidade em uma “tríade dialética”: as primeiras formas sociais – as formas pré-capitalistas²⁶ – são fincadas em “relações de dependência pessoal”, nelas, diz Marx diretamente, “a capacidade produtiva humana só se desenvolve em âmbito restrito e em lugares isolados”. A segunda forma social importante – a forma social capitalista ou burguesa – consiste na “independência pessoal”, porém edificada com base na “*dependência em relação às coisas*” (grifo do autor); nela se verifica inauguralmente a presença de “um metabolismo social geral, um sistema de relações universais, necessidades universais e capacidades universais”. A forma social capitalista ou burguesa, assim como ocorreu com a forma social feudal, cria as condições da terceira

25 Idem, p. 346 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes). Conforme exposto no nosso texto citado na Nota 23 supra, a partir do método materialista histórico dialético, Karl Marx identifica sete modos de produção historicamente situados: [Primitivo](#), [Asiático](#), [Escravista](#), [Feudal](#), [Capitalista](#), [Socialista](#) e [Comunista](#), a depender da combinação entre as forças produtivas (meios de produção + força de trabalho humana) e as relações (técnicas e sociais) de produção. Daí concluir que a cada modo de produção estabelecido historicamente corresponde uma estrutura, organização e específicas relações sociais.

26 Formas sociais primitiva, asiática, escravista e feudal, derivadas dos modos de produção pré-capitalistas enumerados na Nota anterior.

forma: a livre associação de produtores – ou, como prescreve o filósofo alemão, “A livre individualidade, baseada no desenvolvimento universal dos indivíduos e na propriedade coletiva, social, considerada como patrimônio social”, ou, ainda, a forma social comunista²⁷.

Na visão do autor de *Gênese*, Marx resumia, assim, o essencial da história da humanidade, “um processo necessário de formação da personalidade humana e de sua liberdade”. Porém, segundo Roman, o que mais interessava a Karl Marx “não era tanto demonstrar a necessidade desse processo (que já havia sido reconhecida pela filosofia clássica alemã), mas sim liberar essas noções de toda ilusão ideológica, colocando-as sobre a base firme da história real, ou seja, **do desenvolvimento das relações sociais de produção**” (grifo nosso). Esta tarefa, conclui Rosdolsky, “exigia a aplicação do método materialista”.²⁸

De acordo com o que o nosso autor ucraniano leu nos *Grundrisse*, quando são consideradas “relações sociais que produzem um sistema não desenvolvido de troca, de valores de troca e de dinheiro [ou seja, ‘relações pré-capitalistas’, intervém Rosdolsky]”, embora aí se tenha estabelecido relações entre pessoas, os indivíduos “só estabelecem vínculos entre si na condição de portadores de um caráter bem definido: senhor feudal e vassalo, proprietário de terras e servo da gleba etc., ou membro de uma casta etc., ou então integrante de um estamento etc.”. Vê-se que estas formas sociais são marcadas por uma forte relação pessoal de dependência, por uma forte limitação pessoal do indivíduo frente ao outro.²⁹

Continuemos com a leitura de Roman Rosdolsky dos manuscritos *Grundrisse*, de 1857/1858. Nas sociedades onde existem um sistema de trocas desenvolvido, onde

27 Oportuno acrescentar que a forma social da [livre associação de produtores](#) representa o *modo de produção comunista*. Nessa direção, o socialismo científico de Marx e Engels, no que se refere às formas sociais superadoras da forma capitalista, prescreve que deve haver uma *fase intermediária* entre a sociedade capitalista e a de livre associação que seria o *socialismo*. Em suma, de acordo com os dois revolucionários alemães, conflitos de classe dentro do capitalismo surgem devido à intensificação das contradições das leis que regem esse modo de produção, como o controle da propriedade dos meios de produção pela classe capitalista e da apropriação por essa mesma classe, chamada coletivamente de [burguesia](#), do produto excedente na forma de mais-valia (“lucro”) extraída a partir da exploração da classe trabalhadora ([proletariado](#)). Como essa contradição torna-se aparente para a classe trabalhadora, a agitação social entre as duas classes antagônicas se intensifica, culminando em uma revolução social. O eventual resultado a longo prazo dessa revolução seria o estabelecimento do [socialismo](#) — um sistema socioeconômico baseado na propriedade cooperativa dos meios de produção, na distribuição baseada na contribuição e produção organizada diretamente para o uso, cujo poder político seria assumido pelo [Estado proletário](#), em substituição ao abolido [Estado burguês](#). De acordo com Marx, a esta fase corresponderia o seguinte brocardo: “[De cada um de acordo com sua capacidade, a cada um segundo sua contribuição](#)”, ou, simplesmente, “a cada um segundo sua contribuição”. O socialismo, assim, ainda seria uma sociedade de classes, o *estágio inferior* do comunismo. Na sequência histórica e dialética, segundo o filósofo alemão, como as forças produtivas e a tecnologia continuam a avançar, o socialismo acabaria por dar lugar a uma *fase comunista* de desenvolvimento social. O comunismo seria uma [sociedade apátrida](#) e [sem classes](#), erigida embasada na propriedade comum e sob o princípio “[de cada qual, segundo sua capacidade; a cada qual, segundo suas necessidades](#)” (Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Livre_associa%C3%A7%C3%A3o_\(conceito\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Livre_associa%C3%A7%C3%A3o_(conceito)); <https://pt.wikipedia.org/wiki/Marxismo>; https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura_do_proletariado e https://pt.wikipedia.org/wiki/Estado_Burgu%C3%Aas. Consultado em 26.10.2023).

28 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 346 e 347.

29 Idem, p. 347 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

predominam relações monetárias, tais quais as sociedades burguesas ou capitalistas, “os vínculos de dependência pessoal, as diferenças de sangue, educação etc. são destruídos, esgarçados, [...] e os indivíduos *parecem* independentes³⁰ [...], *parecem* livres para se defrontar uns com os outros e realizar trocas em liberdade” (grifo do autor). Tem-se aí, desta feita, uma sociedade marcada por vínculos não pessoais. O caráter do vínculo se apresenta agora “como uma limitação objetiva do indivíduo”, e não “como uma limitação pessoal do indivíduo diante do outro [uma característica dos estágios pré-capitalistas, como vimos]”. Agora o caráter do vínculo se apresenta como uma limitação que resulta “de relações que são independentes dele e se baseiam em si mesmas. Como o indivíduo não pode eliminar seu caráter pessoal, mas pode superá-lo e subordinar a ele as relações externas [relações de mercado, o significado específico de mercado na forma capitalista, digo eu], sua liberdade parece ser maior no segundo caso”, isto é, na forma social burguesa. Aqui, o indivíduo, em tese, é livre e pode se quiser, independente do seu caráter pessoal, participar ou não dos vínculos sociais forjados por relações externas.

As relações de dependência, doravante, passam a ser “**relações de dependência materiais**”. Estas relações, em oposição às pessoais, são tão somente “relações sociais que se tornaram aparentemente independente dos indivíduos”. As abstrações ou ideias como expressões teóricas das relações materiais, dominam agora os indivíduos, enquanto antes eram dependentes uns dos outros. Afinal, como aduz o nosso filósofo alemão, as relações, inclusive as sociais, “podem ser expressas sob a forma de ideias”. “Por isso”, diz ele, “os filósofos conceberam como característica da era moderna o domínio das ideias”.³¹

Na realidade, considerando essa concepção dos filósofos como errônea, do ponto de vista idelógico, Karl Marx atribuía o equívoco ao fato de que a dependência material mencionada “aparece na consciência dos indivíduos como o domínio das ideias [domínio objetivo, digo eu], não como um domínio subjetivo, típico das relações de dependência pessoais, e também “porque a crença na permanência dessas ideias, ou seja, essa relação objetiva de dependência, é consolidada, nutrida, inculcada de todas as formas possíveis pelas classes dominantes”. Ocorre que esta dependência material, segundo Marx, “se transforma de novo em relações de dependência pessoais determinadas, mas despojadas de toda ilusão [...]”.

Marx observa nos *Grundrisse*, anota Roman³², como dito e poderia ser repetido, que “a beleza e a grandeza” da forma social capitalista residem categoricamente “nesse vínculo espontâneo, nesse metabolismo material e espiritual, que independe do conhecimento e da vontade dos indivíduos, e que pressupõe sua indiferença e independência recíprocas”. Para o autor dos manuscritos de 57/58 tal afirmativa é correta e entende que “Esse vínculo objetivo é preferível à ausência de vínculos ou a vínculos

30 “Independência que, em si mesma, é apenas uma ilusão”, segundo Marx, “e que poderia ser chamada de indiferença” (Ibidem, p. 583 Nota 7).

31 Ibidem, p. 583 Nota 8 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

32 Ibidem, p. 347.

locais baseados em consanguinidade, ou nas [‘relações’, intervém Roman] de senhorio e servidão”.

Contudo, o próprio filósofo alemão reputa como “absurdo” compreender “*este vínculo puramente material como tendo sido criado naturalmente, como inseparável da natureza da individualidade e imanente a ela*”. Ora, o vínculo é mesmo um “produto dos indivíduos”. Trata-se de “um produto histórico”. Decorre de “uma determinada fase do desenvolvimento”.³³

Na adjetivação de Roman Rosdolsky, o **conceito burguês de liberdade**, imiscuído na questão da individualidade e da dependência e independência dos indivíduos explicitada nas linhas passadas, sofre “do modo de pensar **a-histórico** de seus porta-vozes” (grifo nosso), um modo de pensar que não leva em conta o contexto histórico, que absolutiza uma individualidade própria de uma época determinada e de um modo de produção também determinado. Entendem a liberdade burguesa como sendo “a realização da ‘liberdade plena’”. Para Rosdolsky, sempre ancorado em Marx, não entendem que a liberdade burguesa passa longe de representar “a encarnação da ‘liberdade em geral’”. Trata-se de um produto singular e peculiar do modo de produção capitalista, e como tal “compartilha suas limitações”. É uma construção que perpassa o desenvolvimento histórico específico dessa sociedade, assim como foi a construção do conceito de liberdade no sentido greco-romano, restrita à liberdade política e para poucos.

Finalizando a análise da liberdade burguesa segundo Marx, o nosso autor ucraniano conclui que, libertos das amarras dos estágios anteriores (pré-capitalistas), os indivíduos “foram submetidos no capitalismo a uma nova sujeição, ao domínio reificado [tornado coisa, digo eu] das relações de produção (que escaparam de qualquer controle), ao cego poder da concorrência e da casualidade”. E assim, “Tornaram-se mais livres em um aspecto e menos livres em outro”, constatação que se contrapõe frontalmente à ideia de que a liberdade burguesa é a encarnação da liberdade geral e plena.

Na sequência do capítulo 28 de *Gênese*, o autor destaca do conceito da liberdade burguesa a **livre concorrência capitalista**, em cujo julgamento pelos economistas burgueses, e pela ideologia burguesa em geral, na sua visão, o modo de pensar a-histórico aparece de forma nítida e clara.

Para Marx, a concorrência capitalista se apresenta historicamente, ou seja, possui um caráter histórico, ao contrário do que defendem os economistas burgueses. Historicamente, enquanto no plano interno de um país apresentou-se como dissolução das coerções operadas pelas corporações de ofícios, das regulamentações governamentais

33 Ibidem, p. 348 (Ibidem em relação à redação dos três parágrafos seguintes). De acordo com o autor dos *Grundrisse*, “é certo que os indivíduos não podem dominar suas próprias relações sociais antes de havê-las criado” (Ibidem, p. 347). Ou seja, “não podem passar à ordem social socialista”, por exemplo, antes de haver criado as próprias relações sociais que forjarão a nova forma social, elucida Roman Rosdolsky (Ibidem, p. 583 Nota 9).

feudais, das aduanas internas etc., no plano do mercado mundial apareceu “como supressão de obstruções, proibições e protecionismos”. Apesar disso, jamais foi considerada, como afirma nosso teórico alemão, “em seu aspecto puramente negativo, puramente histórico”. Muito pelo contrário, continua ele, a ideologia burguesa, de forma ainda mais “absurda”, enxergava (e enxerga) “a concorrência como um enfrentamento de indivíduos desacorrentados, movidos apenas por seus próprios interesses; como repulsão e atração de indivíduos livres; como a forma absoluta de existência da livre individualidade na esfera da produção e da troca”.³⁴

Todos os obstáculos que se opunham a certas relações em modos de produção anteriores foram dissolvidos pela concorrência capitalista. Para Marx, o problema dos porta-vozes burgueses, a falsidade do que afirmam, está exatamente na a-historicidade das suas assertivas. O que para a concorrência capitalista se constituía obstáculo, para os modos de produção anteriores “eram limites imanentes, dentro dos quais [estes modos de produção, digo eu] se desenvolviam e se moviam com naturalidade”³⁵. Esses limites somente se transformaram em obstáculos “quando as forças produtivas e as relações [sociais, digo eu] de troca se desenvolveram a ponto de o capital poder apresentar-se como princípio regulador da produção”. Os limites abolidos pelo capital, além de serem obstáculos para seu movimento de produção e extração de mais-valia e, também, de circulação, eram obstáculos para seu desenvolvimento, expansão e realização (realização da mais-valia, realização do “lucro”).³⁶

Aliás, continua Marx, o capital não suprimiu todos os limites e obstáculos, mas tão só aqueles inadequados a ele. Sob o aspecto histórico da negação do regime corporativo, “o capital [através da “livre” concorrência, digo eu] derrubou, graças ao modo de troca ou intercâmbio que lhe é adequado, as barreiras históricas que atrapalhavam e freavam o movimento conveniente à sua própria natureza” – o movimento de expansão e valorização crescentemente ilimitada, o movimento da acumulação ampliada do capital.

³⁴ Ibidem, p. 348 e 349.

³⁵ As corporações em seu auge encontraram na organização gremial (agrupamento de artesãos ou trabalhadores de outros ramos que se unem para a proteção de seus interesses e direitos), portanto de caráter não concorrencial, a liberdade que precisavam para desenvolver as relações de produção que lhe eram correspondentes. Essas relações foram criadas superando limites e abolindo obstáculos de formas sociais anteriores, que dificultavam e impediam seu movimento e desenvolvimento. São relações criadas pela indústria corporativa a partir de si mesma e desenvolvidas como condições imanentes a ela, e não como barreiras externas e opressivas (Ibidem, p. 349). Sobre as *Corporações de ofício*, surgidas a partir do século XII com as transformações ocorridas no feudalismo na Idade Média (século V – XV), veja https://pt.wikipedia.org/wiki/Corpora%C3%A7%C3%A3o_de_of%C3%ADcio. Consultado em 27.10.2023.

³⁶ ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 349 (Idem para a redação dos dois parágrafos seguintes). Chamamos a atenção para a utilização por Marx das expressões “limite” e “obstáculo”. Rosdolsky vê aí mais um claro exemplo de aplicação de conceitos hegeliano (Ibidem, p. 584 Nota 16). Para Hegel, a distinção entre *limite* e *obstáculo* pode ser entendida no contexto de sua filosofia da liberdade e da moralidade. Bem resumidamente, para o grande filósofo idealista dialético alemão, um limite é uma fronteira autoimposta que define a autonomia moral do indivíduo, enquanto um obstáculo é algo que impede o progresso para uma compreensão mais plena da liberdade na eticidade (tanto no plano interno como no externo ou público). O limite é uma parte necessária da realização da liberdade, enquanto um obstáculo seria algo que impede essa realização.

Dada a natureza do capital, conforme estudamos nos fascículos anteriores, é pura ilusão crer que, “nos marcos demarcatórios da concorrência, os indivíduos, obedecendo exclusivamente a seus interesses privados, realizam os interesses comuns ou mesmo gerais. **Na livre concorrência, não são livres os indivíduos, mas sim o capital**” (grifo nosso), afirma Marx. Porém, os indivíduos não percebem isso. A partir do momento histórico em que a produção baseada no capital se configura como “a forma necessária, e portanto a mais adequada ao desenvolvimento da nova força produtiva social, o movimento dos indivíduos nos marcos das condições estabelecidas pelo capital se apresenta como a liberdade destes”. Esta liberdade é afirmada dogmaticamente, “ênfatizando-se sistematicamente obstáculos derrubados pela concorrência” que lhe impedem ou dificultam. Ou seja, enfatiza-se os efeitos negativos da concorrência.

Roman Rosdolsky mostra que já se percebia na época dos manuscritos de 57/58 o desvanecimento da “ilusão” da concorrência como “forma absoluta da livre individualidade” no capitalismo: “as condições da concorrência, isto é, da produção baseada no capital, já são sentidas e concebidas como *obstáculos*, e portanto já *são* e se tornam isso, cada vez mais” (grifo do autor), disse Marx.³⁷ Daí, a falta de senso, insiste o filósofo alemão, “em considerar a concorrência como o último desenvolvimento da liberdade humana e a negação da concorrência como igual à negação da liberdade individual e o fim da produção social baseada na liberdade individual”. O desenvolvimento sob a forma social burguesa “é livre sobre uma base limitada, a base da dominação pelo capital”, o que é um fato histórico. Para Marx, a liberdade individual burguesa é, concomitantemente, “uma abolição da liberdade individual e a subjugação completa da individualidade a condições sociais que adotam a forma de poderes objetivos, de coisas poderosíssimas [...]” – a **submissão ao capital**.³⁸ Não esquecendo que a dominação do capital se baseia na exploração do trabalho e, por conseguinte, na extração de mais-valia, não há como discordar da constatação que, no capitalismo, quem é livre é o capital e não os indivíduos.

Para Karl Marx, e também para Friedrich Engels, destacando a grande contradição e dicotomia do caráter do progresso social capitalista, a liberação dos indivíduos dos “constrangimentos feudais” proporcionada pelo capitalismo produziu o que se denominou de “liberdade pessoal”, porém, uma liberdade aparente e não plena. O progresso social do capitalismo, se de um lado, “criou um indivíduo social mais capaz de se desenvolver e mais rico em necessidades; de outro, converteu-se na mais ampla ‘alienação’ e ‘esvaziamento’ desse mesmo indivíduo”. Na sociedade burguesa “os homens são idealmente mais livres que antes, pois suas condições de vida lhes são fortuitas” – suas condições de vida, ainda idealmente falando, não são determinadas pela

37 Ibidem, p. 385 Nota 20. A esse respeito é só lembrarmos das formas monopolistas, oligopolistas e cartelizadas utilizadas ao longo do desenvolvimento da economia capitalista.

38 Ibidem, p. 349 e 350.

consanguinidade, por exemplo. No entanto, sob domínio do capital, “na realidade [...], são menos livres, pois estão mais submetidos à coerção das coisas”.³⁹

Na forma social capitalista todo indivíduo tem a liberdade de criar as condições necessárias para possuir uma casa minimamente confortável, com carro na garagem, e no fim do ano, nas férias, viajar com a família para onde quiser. Esse direito é chamado até hoje de “liberdade pessoal”. Contudo, esta liberdade é aparente para a imensa maioria da população, ainda que esteja incluída no processo produtivo recebendo salário. Então, se assim é, e é, não há que se falar em liberdade pessoal plena. A liberdade na sociedade burguesa está submetida ao poder das coisas, ao poder das condições objetivas, que são limitadas pelo próprio capital em seu livre movimento por valorização crescentemente ilimitada.

Uma concepção igualmente desenvolvida nos *Grundrisse* relativa à liberdade burguesa, de acordo com Roman Rosdolsky, diz respeito a um outro aspecto da contradição e dicotomia do progresso social ao longo da história da humanidade até a realidade da sociedade capitalista: “**o progresso real produzido pela ‘pseudoliberdade burguesa’**” (grifo nosso). Aqui, Marx centra sua análise no “devir da história moderna”, na “necessidade” e no “caráter historicamente progressista da ordem social burguesa”, criticando os socialistas “utópicos” que se limitavam a uma condenação de tipo moral dessa ordem social.⁴⁰

Como já revelado, em Karl Marx, “o domínio do capital se baseia em extrair mais-trabalho, explorar e oprimir as massas populares”. Nesse sentido, como bem afirma, o sistema capitalista certamente supera “em energia, ímpeto e eficácia todos os sistemas de produção precedentes, baseados no trabalho diretamente compulsório”.⁴¹ O nosso teórico alemão destaca que o capital foi quem “primeiro capturou o progresso histórico, colocando-o a serviço da riqueza”. E diz mais: a produção capitalista é a primeira que “se transforma em um modo de exploração que inicia uma época”. No decorrer do seu desenvolvimento histórico, “mediante a organização do processo de trabalho e o enorme aperfeiçoamento da técnica, revoluciona a estrutura econômica da sociedade, de modo a eclipsar as épocas anteriores”.⁴²

Diferentemente de todos os modos de produção anteriores, que, conforme Rosdolsky, “nunca conseguiram desenvolver o trabalho para muito além do necessário à manutenção imediata da vida [à subsistência, digo eu]”, a produção capitalista se destaca

39 Ibidem, p. 350 (Trecho extraído por Rosdolsky do livro de Marx e Engels, *A ideologia alemã*). Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte.

40 Ibidem, p. 350 e 351.

41 Ibidem, p. 351 e 352. O trecho do parágrafo foi extraído por Roman do *Livro I - O processo de produção do capital*, de *O capital* (Ibidem, p. 585 Nota 30).

42 Ibidem, p. 351. Trecho extraído do *Livro II - O processo de circulação do capital*, da obra maior marxiana (Ibidem, p. 585 Nota 32). No percurso do desenvolvimento histórico do capital, “Tudo que é sólido se desmancha no ar”, prescreve Marx e Engels no *Manifesto do Partido Comunista* (in MARX, Karl Heinrich e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo-SP: Editora Martin Claret, Coleção A Obra Prima de Cada Autor, 2000, p. 48). .

por seu “caráter universal”, por “seu impulso em direção a uma permanente revolução das forças produtivas materiais [meios de produção, digo eu]”, sobretudo em direção a uma permanente revolução da tecnologia da (e na) produção. Ao contrário dos estágios pré-capitalistas, o sentido histórico singular do capital consiste precisamente, como assenta Karl Marx, em “criar o trabalho excedente [que também chama de “trabalho supérfluo”, digo eu]”, ou seja, o trabalho realizado pelo trabalhador além do necessário para sua subsistência, cujo valor é apropriado pelo capitalista, na forma de mais-valia, que, por sua vez, dá origem ao lucro daquele.⁴³

Ao desenvolver, sem precedentes na história, “as forças produtivas sociais, de um lado, e as necessidades e capacidades de trabalho dos homens, de outro, o capital cumpre sua missão histórica”, declara Roman Rosdolsky. Mas essa **missão histórica do capital tem limite**, tem um momento em que ela se completa.

Nesse ponto do seu comentário, Rosdolsky extrai a linha principal do raciocínio de Marx, ou, como se diz, puxa o “fio da meada” da análise marxiana da realidade da sociedade burguesa no que se refere aos limites históricos da lei do valor (título do capítulo 28 de *Gênese*) e, mais precisamente, quanto às observações marxianas sobre o desenvolvimento da individualidade humana no capitalismo (primeiro item do referido capítulo): **a possibilidade de completude do desenvolvimento das forças produtivas, das necessidades e das capacidades do trabalho.**

Diz ele sobre a completude da missão histórica do capital: a “missão histórica do capital se completa, de um lado, quando as necessidades estão tão desenvolvidas que o trabalho excedente (que produz além e acima das necessidades)” – ou seja, o mais-trabalho, ou trabalho não pago – “passa a ser, ele mesmo, uma necessidade geral, que surge das próprias necessidades individuais” – pois, sem mais-trabalho, sem o trabalho excedente, não há trabalho necessário (trabalho pago), o trabalho voltado para o custeio de meios de vida do trabalhador na forma de salário; “de outro lado, quando a disciplina estrita do capital [a busca ilimitada por valorização crescente, digo eu], pela qual passaram sucessivas gerações, desenvolveu uma laboriosidade universal que foi apropriada pelas novas gerações”; por fim, “quando o desenvolvimento das forças produtivas do trabalho, impulsionado continuamente pelo capital – em sua ilimitada busca de enriquecimento e nas únicas condições sob as quais esta busca pode realizar-se –, alcançou tal ponto que a posse e a conservação da riqueza geral exigem um tempo de trabalho menor para a sociedade inteira [...]”. E aqui encontramos mais um ponto fundamental da análise marxiana: **a presença das condições reais de superação da forma capitalista.**

Estabelecidas tais condições, “[‘então’, intervém Rosdolsky na frase que replica de Marx] a sociedade se relacionará cientificamente com o processo de sua

43 Ibidem, p. 352 (Ibidem em relação à redação dos três parágrafos seguintes).

reprodução, em meio a uma abundância crescente: deixará de existir o trabalho no qual o homem faz aquilo que as coisas podem fazer em seu lugar [...]. Em sua aspiração incessante pela forma universal da riqueza, o capital impele o trabalho a ultrapassar os limites de sua necessidade natural, criando os elementos materiais para o desenvolvimento de uma rica individualidade, multilateral na produção e no consumo. O trabalho, nesse caso, não se apresenta como trabalho, mas como desenvolvimento pleno da própria atividade”. O capital fez desaparecer “a necessidade natural direta, substituída por uma necessidade historicamente produzida. *Por isso o capital é produtivo, ou seja, é uma relação essencial para o desenvolvimento das forças produtivas sociais. Só deixa de sê-lo quando o desenvolvimento das forças produtivas encontra um limite no próprio capital*” (grifo do autor).⁴⁴

Segundo a teoria marxiana, o modo de produção é constituído pelas relações de produção sociais e técnicas (formas como os seres humanos desenvolvem suas relações de trabalho e distribuição no processo de produção e reprodução da vida material) e pelas forças produtivas (meios de produção e força de trabalho). A expansão constante das forças produtivas vai modificando as relações de produção, até que, num determinado nível do seu desenvolvimento, as forças produtivas entram em contradição com as relações de produção existentes. Ocorre que tal contradição só poderá ser resolvida através de uma quebra radical de paradigma, através da revolução social, quando o modo de produção vigente seria substituído por outro.⁴⁵

Um modo de produção substituto, que, na hipótese, se trata do modo de produção comunista (uma livre associação de produtores), uma vez ultrapassada a necessária fase da forma social socialista, cuja base, de acordo com o professor Newton Duarte, permite edificar uma sociedade em que será possível uma universalidade que supere aquela que opera na sociedade capitalista, na qual a “universalização do valor de troca das mercadorias” é a “mediação fundamental das relações sociais – um processo dialético onde ocorrem concomitantemente a humanização [pois liberta o indivíduo das amarras das formas sociais pré-capitalistas, digo eu] e a alienação [coisificação, digo eu] do gênero humano e dos indivíduos”.⁴⁶

Para encerrar, dois aspectos expostos nesta primeira parte do capítulo vinte e oito de *Gênese* pode estar causando alguma perplexidade ao leitor. O primeiro é a importância que Marx confere ao indivíduo e à individualidade, uma vez que é bem possível que o caro “expedicionário” tenha ouvido ou lido a afirmativa de que o indivíduo e a individualidade não ocupariam lugar na obra marxiana. Muito pelo contrário.

44 Ibidem, p. 352 e 353.

45 Mais sobre o assunto, veja nosso texto [O materialismo histórico e dialético](#), publicado na Seção Preliminar – Conhecendo Karl Marx, deste Blog.

46 DUARTE, Newton. **Em foco: A Filosofia da Educação enfrentando a problemática educacional contemporânea**. Universidade Estadual Paulista (Unesp). Educ. Pesqui. 32 (3), 2006. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000300012>. Consultado em 27.10.2023.

Como entende Newton Duarte, em Marx, “a individualidade não é preterida ou sequer secundarizada em prol da sociedade e, mais amplamente, do gênero humano”. Juízos contrários, continua Duarte, “parecem-me resultarem, entre outras coisas, de desconhecimento ou incompreensão da dialética entre os processos de objetivação e apropriação que atravessa toda a obra de Marx desde os *Manuscritos de Paris* [os *Manuscritos econômico-filosóficos*, de 1844, digo eu] até *O capital*”. “Para Marx”, observa mais uma vez Duarte, “o processo de individuação alcançaria seu mais alto grau por meio justamente da socialização do indivíduo em circunstâncias ausentes de alienação e que permitissem, portanto, a efetivação, na existência individual, da universalidade e da liberdade alcançadas num dado momento histórico pela riqueza do gênero humano. Outra não era a concepção marxiana de sociedade comunista”.⁴⁷ Em verdade, a preocupação última de Marx era exatamente com o indivíduo e com sua libertação das condições sociais limitadoras de sua plena realização enquanto ser humano, daí propugnar pela emancipação humana. Embora não elabore algo como uma teoria da individualidade, o nosso pensador revolucionário alemão desenvolve o tema no conjunto de sua obra, a começar pelos *Manuscritos* de 1844.

O segundo aspecto que pode causar estranheza é a percepção histórica que Karl Marx tem do capitalismo. Isso se explica pelo fato de que o nosso filósofo não faz uma crítica moral ao modo de produção capitalista, não trava uma luta entre o bem e o mal. A explicação para esta postura encontramos na aplicação do seu (e também de Engels) método materialista histórico e dialético na crítica da economia política capitalista. Por conta do método da investigação utilizado, tanto Marx quanto Engels rechaçavam qualquer especulação sobre como seria um futuro socialista. Conquanto não haja nenhuma dúvida de que Marx fez uma crítica do modo de produção capitalista e, partindo dela, da sociedade burguesa, e não uma teoria sobre as formas sociais socialista e comunista, importante perceber que as considerações que faz ao longo de toda sua obra, e algumas delas expusemos aqui, sobre como seria “um novo modo de produção no qual o desenvolvimento livre, desimpedido, progressivo e universal das forças produtivas constitui a premissa da sociedade e, portanto, da sua reprodução; [um modo de produção, digo eu] no qual a única premissa é superar o ponto de partida [a forma social capitalista, digo eu]”, ele as faz a partir da identificação das leis da forma social vigente e, por conseguinte, das contradições criadas por elas próprias, bem assim das premissas que superem essas leis.⁴⁸

Contraditoriamente, “graças ao desenvolvimento do capitalismo”, arremata Roman Rosdolsky lastreado na historicidade dialética das ordens sociais, “prepara-se inclusive a solução do problema da personalidade humana e de sua liberdade [o problema da individualidade humana no capitalismo, digo eu], colocado pela história”. E diz mais:

47 DUARTE, Newton. Op. cit. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000300012>. Consultado em 27.10.2023.

48 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 353 (Idem em relação à redação dos três parágrafos seguintes).

“Deste ponto de vista, nunca se poderá enfatizar suficientemente a conquista histórica do capitalismo, que tantas vezes Marx destaca tão claramente”.

A par do exposto, passemos agora ao segundo item do capítulo 28: **O papel da maquinaria como condição material para a sociedade socialista**. Começamos com a seguinte afirmação de Karl Marx posta nos *Grundrisse*, conforme Roman Rosdolsky, a qual explicitamos com nossas palavras: **a sociedade capitalista, tal como é, contém, apesar de ocultas, as condições materiais de produção e circulação necessárias à constituição de uma sociedade sem classes**. Se não fosse assim, “todas as tentativas de criá-la seriam quixotescas”, conclui Marx.

Que condições materiais de produção são essas que tornam possível e necessária a transição do modo de produção capitalista para o socialista e deste para uma sociedade sem classes (uma sociedade comunista)? Rosdolsky pergunta e ele mesmo responde: “Devemos buscar a resposta, antes de tudo, na análise que Marx faz do papel da maquinaria”.

Conhecemos no Folheto nº 08 (Parte V – A seção sobre o processo de produção [do capital]) –, precisamente no item C, “Os métodos de produção da mais-valia relativa (Cooperação, manufatura, maquinaria)” –, como, para o filósofo alemão, segundo o nosso autor ucraniano, o desenvolvimento do sistema da maquinaria automática reduziu, de um lado, o trabalhador individual ao nível de mero “apêndice vivo e isolado” do processo de produção,⁴⁹ a apenas um elemento do processo de trabalho e, de outro, “mostrou como o mesmo desenvolvimento cria também as condições prévias para que o dispêndio de esforços humanos se reduza a um mínimo no processo de produção e para que o lugar dos trabalhadores segmentados de hoje seja ocupado por indivíduos desenvolvidos de forma multifacética [...]”⁵⁰.

Em decorrência do desenvolvimento do sistema de máquinas automáticas, veremos agora como este desenvolvimento da maquinaria, sob o controle do capital, que conduz à sujeição do trabalhador, “oferece a mais segura perspectiva de sua futura libertação”.⁵¹

49 Conforme subitem [O desenvolvimento da maquinaria moderna](#) do Folheto nº 08.

50 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 353 e 354.

51 Idem, p. 206 e 207. De acordo com Roman, como vimos no item C do citado Folheto nº 08, o desenvolvimento da maquinaria “permite reduzir radicalmente o tempo de trabalho, condição para que a eliminação da sociedade de classes [como pretende Marx, digo eu] deixe de ser uma expressão vazia” (Idem, p. 207). Karl Marx também menciona em relação ao processo de trabalho que o desenvolvimento das forças produtivas (“máquinas têxteis, locomotivas, estradas de ferro, telégrafos etc.”, conforme exemplifica) é produto da laboriosidade humana, não individual, mas coletiva, sobre a natureza – a natureza não produz os meios ou instrumentos de trabalho; eles “[...] são materiais naturais que se transformam em instrumentos da vontade e da ação humanas sobre a natureza” – são “[...] conhecimento objetivado” (Ibidem, p. 206). Segundo Roman, “o desenvolvimento da maquinaria como sistema automático, quando levado às últimas consequências (basta lembrar a automação, que se difunde hoje), revoluciona radicalmente a natureza do processo de trabalho, pois outorga ao trabalhador a função, totalmente modificada, de um mero ‘vigilante e regulador’ desse processo” (Ibidem, p. 207). Além disso, para o autor dos *Grundrisse*, conforme Rosdolsky extrai do Livro I d’*O capital* (Ibidem, p. 540 Nota 40), o desenvolvimento da maquinaria moderna, a partir da grande indústria, força a substituição do contingente do

De acordo com uma passagem dos *Grundrisse*, transcrita em *Gênese e estrutura de "O capital"*, é pressuposto singular e fundamental da produção capitalista “[...] a quantidade de trabalho usada como fator decisivo na produção da riqueza”. Sendo uma produção baseada no valor, “o último desenvolvimento da relação de valor e da produção baseada no valor” é “a colocação do trabalho social na forma de antítese entre capital e trabalho assalariado”.⁵² Sendo um conceito central para Marx, sabemos que o trabalho assalariado e o capital possuem objetivos opostos na sociedade capitalista. Melhor dizendo, “são opostos contraditórios”.⁵³

Continuemos com Roman e os *Grundrisse* quanto ao papel da maquinaria. Aliás, a despeito de terem sido escritos há mais de um século e meio, sugerimos termos em mente ao longo dos parágrafos que seguem o que presenciamos em relação ao trabalho do século XXI e o que pode vir a partir daí. Ademais, nos parece que a melhor leitura do disposto a seguir é aquela que diz respeito ao raciocínio lógico-dialético que Marx empreende na discussão do tema, e não como aquela que encara o exposto como profecias. Neste intento de fazermos a melhor leitura do que diz Marx, cremos que também não devemos desprezar o fato de estarmos examinando os primeiros rascunhos de Marx sobre a ordem econômico-social capitalista. Daí até a publicação do Livro I da sua obra definitiva decorreram 10 anos de investigação e estudos, revisão e reelaboração de vários temas e assuntos esboçados no período.

Para o autor dos *Grundrisse*, na medida em que a grande indústria se desenvolve “[...] O trabalho já não aparece tanto confinado [sic] ao processo de produção [...]”. Agora, o trabalhador já não aparece mais como seu agente principal.⁵⁴

exército industrial de reserva “[...] por indivíduos capazes de realizar diferentes tipos de trabalho”, bem assim força a sociedade a substituir o trabalhador assalariado atual, “capacitado a cumprir uma função social muito específica [...], pelo indivíduo totalmente desenvolvido, para quem as funções sociais sejam diferentes modos de atividades que ele é capaz de realizar”. Ademais, Marx prossegue, não obstante o capital trazer a lume “todos os poderes da ciência e da natureza”, da “cooperação e do intercâmbio sociais, para fazer com que a criação da riqueza seja (relativamente) independente do tempo de trabalho nela empregado”, o capital insiste em pretender “medir com o tempo de trabalho essas gigantescas forças sociais assim criadas, mantendo-as confinadas nos estreitos limites requeridos para que o valor já criado se conserve como valor. As forças produtivas e as relações sociais – umas e outras, aspectos diferentes do desenvolvimento do indivíduo social – aparecem para o capital apenas como meios para produzir, reproduzindo sua mesquinha base. *In fact*, todavia, elas criam as condições materiais para lançar essa base pelos ares” (Ibidem, p. 207).

52 Ibidem, p. 354.

53 CABRAL, João Francisco Pereira. **Capital, Trabalho e Alienação, segundo Karl Marx**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/filosofia/capital-trabalho-alienacao-segundo-karl-marx.htm>. Consultado em 28.10.2023. Segundo o articulista oficial do site Brasil Escola, em referência, a antítese entre capital e trabalho é constituída por três momentos fundamentais: Primeiro, “a unidade imediata e mediata de ambos”: isso significa que num momento inicial as duas categorias estão unidas, para se separarem depois, tornando-se estranhos entre si, mas, ao mesmo tempo, se sustentam reciprocamente e se promovem um ao outro como condições positivas. Segundo, “a oposição de ambos”: excluindo-se reciprocamente, o operário conhece o capitalista como a negação da sua existência e vice-versa. Por último, “a oposição de cada um contra si mesmo”: ao mesmo tempo que o capital, como capital, é ele próprio, como trabalho objetivado, o capital é trabalho acumulado; por sua vez, ao mesmo tempo que o trabalho, como trabalho vivo, é ele próprio, sendo mercadoria, o trabalho é seu oposto contraditório, isto é, capital.

54 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 354 (Idem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

Verifica-se, com o desenvolvimento da grande indústria, que a criação de riqueza vai se tornando menos dependente do tempo de trabalho e da quantidade de trabalho, “passando a depender mais da capacidade dos agentes acionados durante o tempo de trabalho, capacidade cuja eficácia não mantém nenhuma relação com o tempo de trabalho imediato que sua produção exige”. A grande indústria passa a depender “do estado geral da ciência e do progresso técnico, ou da aplicação da ciência à produção”.

O resultado, prossegue o autor ucraniano na reprodução dos manuscritos de 1857/1858, é que o trabalho imediato (direto) executado pelo homem e o tempo de trabalho deixam de aparecer como “ pilar fundamental da produção e da riqueza”, assumindo esse papel “sua força produtiva geral, sua compreensão da natureza e seu domínio sobre ela graças à sua existência como corpo social; em uma palavra, o desenvolvimento do indivíduo social”.

Mas por que isso poderá ou deverá ocorrer? Karl Marx explica: a base da riqueza atual na forma social capitalista é o “roubo de tempo de trabalho alheio”, isso todos nós já vimos bem assentado nos fascículos do nosso Artigo Expositivo I. “Tão logo o trabalho em sua forma imediata, tenha deixado de ser a grande fonte de riqueza, o tempo de trabalho deixa de ser – tem que deixar de ser – sua medida; e o valor de troca [‘deixa de ser a medida’, intervém Rosdolsky] do valor de uso”.⁵⁵

Há mais, diz Marx: “O mais-trabalho da massa [trabalho não pago, de onde deriva a mais-valia, recordamos] deixa de ser condição para o desenvolvimento da riqueza social, assim como o não trabalho de uns poucos deixa de sê-lo para o desenvolvimento da potência geral do intelecto humano”. Tudo isso faz desmoronar “a produção baseada no valor de troca, e o processo de produção material imediato se despoja da forma de carecimento e antagonismo”.⁵⁶

Não há de se ter mais a redução do trabalho necessário (trabalho pago) com o propósito de criar mais-trabalho. Apresentadas as condições necessárias de uma nova forma social, no caso, a ordem social socialista de transição, “Trata-se agora de desenvolver livremente as individualidades [...]”. A “redução do trabalho necessário da sociedade a um mínimo passa a corresponder à formação artística, científica etc., dos indivíduos graças ao tempo que se tornou livre e aos meios criados para todos”.

Do ponto de vista do capital, e também de todos os estágios precedentes, Marx continua, essa criação de “tempo de não trabalho ou tempo livre [é somente, digo eu] para alguns”. O capital, mediante todos os recursos da arte e da ciência, ao contrário, busca exatamente aumentar o tempo de mais-trabalho da massa, pois é daí que extrai sua riqueza, apropriando-se diretamente de valor resultante do mais-trabalho, na forma de mais-valia. Não esqueçamos que “seu objetivo é diretamente o valor, não o

⁵⁵ Ibidem, p. 354 e 355.

⁵⁶ Ibidem, p. 355 (Ibidem em relação à redação dos parágrafos seguintes).

valor de uso” (grifo do autor). A “*tendência do capital é sempre, de um lado, criar tempo disponível e, de outro, convertê-lo em mais-trabalho*” (grifo do autor). Sendo exitoso nesse objetivo, conforme estudamos em folheto anterior⁵⁷, experimenta-se uma superprodução; havendo superprodução o trabalho necessário será interrompido, pois o capital não poderá realizar mais-trabalho. Uma contradição irremediável.

Quanto mais esta contradição se desenvolve, impulsionada pelo desenvolvimento da tecnologia, tanto mais evidente e incontestável fica que o desenvolvimento das forças produtivas não pode permanecer preso à apropriação do mais-trabalho alheio: “**A própria massa trabalhadora deve apropriar-se de seu mais-trabalho**” (grifo nosso).

Concluindo este segundo item, nos *Grundrisse*, Rosdolsky encontra, em 1967/1968, período de elaboração do seu livro, esta poderosa reflexão sobre as transformações históricas surgidas do papel da maquinaria no processo de produção do

Folheto nº 13 – Parte VI: Conclusão. Capítulo 28 O limite histórico da lei do valor. Observações de Marx sobre a ordem social socialista Brasília-DF, 30.11.2023

capital, reflexão que transcende a época em que aqueles manuscritos foram produzidos (1857/1858), basta trazê-la para este nosso tempo de capitalismo cognitivo ou de plataforma (ou, ainda, da indústria 4.0): “O tempo de trabalho como medida da riqueza coloca a própria riqueza como algo baseado na pobreza, e coloca o tempo disponível como algo imerso na antítese com o tempo de mais-trabalho; ou então coloca todo o tempo de um indivíduo como tempo de trabalho, degradando-o em mero trabalhador”.

Observa-se com a virada do século XX para o XXI pouco alívio na labuta humana, apesar de todo o desenvolvimento científico e tecnológico, e de todas importantes inovações da base técnica dos processos produtivos. Na realidade, tais mudanças da reestruturação produtiva acabaram por intensificar a exploração da força de trabalho, o crescimento do desemprego em escala mundial e, quando muito, no geral, acabou por precarizar o emprego que subsiste (a exemplo do trabalho por aplicativo de transporte de passageiros ou de entrega).⁵⁸

Por fim, chegamos ao último item do vigésimo oitavo capítulo de *Gênese: A extinção da lei do valor no socialismo*.

Sobre a lei do valor de Karl Marx (o que é, sua importância e desdobramentos, entre outros aspectos), expressa nos manuscritos de 1857/1858, Roman Rosdolsky tratou nos capítulos anteriores de seu livro, reproduzidos a partir do Folheto nº 04 deste Artigo Expositivo I, para onde remetemos o leitor.⁵⁹

57 Conforme [Capítulo 21](#) do Folheto nº 10.

58 NAVARRO, Vera Lucia e PADILHA, Valquíria Padilha. **Dilemas do trabalho no capitalismo contemporâneo**. Coleção Psicol. Soc. 19 (spe), 2007. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000400004>. Consultado em 29.10.2023.

59 Reveja aqui os [Folhetos nº 04 a 09](#). Resumidamente, a título de uma rápida revisão, reconhece-se que a *Lei do valor*, uma das ideias centrais da crítica da economia política capitalista marxiana, pode ser compreendida sob três sentidos “sucessivos e complementares”, de acordo com o professor Patrick Rodrigues Andrade: (1) o sentido mais simplificado é o que compreende que a *magnitude ou a grandeza do valor de uma mercadoria é*

Como o nosso pensador ucraniano deixa claro logo no início do item, é evidente que o trabalho não desaparecerá no socialismo. O que desaparecerá será apenas

Folheto nº 13 – Parte VI: Conclusão. Capítulo 28 O limite histórico da lei do valor. Observações de Marx sobre a ordem social socialista
Brasília-DF, 30.11.2023

“a forma de mais-trabalho das massas em benefício de poucos e sob o controle destes [os capitalistas, digo eu]”. Para Karl Marx, como “**condição natural da vida humana**” (grifo nosso), o **trabalho**, “**independente da forma de vida**” (grifo nosso), perceba, “**é comum a todas as formas de sociedade**” (grifo nosso).⁶⁰

Em Marx, o trabalho em si não é uma maldição. Ao contrário do que pensa Adam Smith⁶¹, que considera “o ‘repouso [não trabalho, digo eu]’ como o estado adequado, idêntico à ‘liberdade’ e à ‘felicidade’”, o trabalho é “um exercício de liberdade – principalmente se os objetivos exteriores deixam de ser necessidade natural exterior e passa a ser objetivos definidos pelo indivíduo –, ou seja, autorrealização, objetivação do sujeito [autonomia, digo eu], portanto liberdade real cuja ação é precisamente o trabalho”. No entanto, desta feita dando razão a Smith, o autor d’*O capital* concorda quando aquele percebe “que as formas históricas do trabalho – escravo, servil, assalariado – foram sempre repulsivas, trabalho forçado, imposto de fora, diante do qual o não trabalho aparece como ‘liberdade e felicidade’” – o que não quer dizer que seja o trabalho em si seja “diversão ou entretenimento”, Marx faz a ressalva.⁶²

Também no socialismo, acrescenta Rosdolsky, embora o trabalho deva experimentar ali “imensas modificações qualitativas e quantitativas”, por certo, “a atividade humana criadora [...] será decisiva”. Qualitativamente, será muito diferentemente da forma capitalista de trabalho, que até mesmo Adam Smith concebeu como um “sacrifício de liberdade e de felicidade”, diz Roman, “pela circunstância de que,

proporcional ao tempo de trabalho abstrato socialmente necessário para produzi-la; (2) outro sentido é o da lei do valor como lei da distribuição do trabalho social, que deriva da diferença conceitual entre valor e preço (desvio dos preços, para mais ou para menos, em relação aos valores), o que significa dizer que é o preço e não o valor da mercadoria que visa corrigir o excesso ou escassez de determinada mercadoria (“o que gera questionamentos sobre seu significado enquanto lei de equilíbrio na distribuição do trabalho social”); (3) por fim, ela deve ser também entendida como a lei da minimização do tempo de trabalho abstrato, a partir da redução da jornada de trabalho, da automatização, educação e treinamento, reestruturação do trabalho, políticas públicas (como a implementação de uma renda básica universal), etc., todas elas voltadas para a redução de tarefas repetitivas, não significantes e não gratificantes para o trabalhador. Outro aspecto muito importante da lei do valor diz respeito à mais-valia, visto que a mais-valia, que é extraída no processo de produção, quando o trabalhador ao vender sua força de trabalho por um salário não recebe por tudo aquilo que produziu, é a forma pela qual a lei do valor se manifesta no capitalismo. De maneira geral, segundo Andrade, a lei do valor e sua configuração social deve ser compreendida como a “lei do valor-capital” (grifo nosso), a “lei da subordinação crescente do trabalhador ao capital” (grifo nosso), a lei da exploração do trabalho. Dessa forma, “a lei do valor não pode ser compreendida simplesmente como lei da determinação do valor pelo tempo de trabalho ou lei reguladora da distribuição do trabalho social, ela transcende essas formas, assim como o valor transcende a mercadoria e se torna ‘sujeito histórico’ enquanto valor-capital”. Destarte, “a lei do valor é uma lei da produção capitalista, característica apenas dessa forma de produção de riqueza humana (in ANDRADE, Patrick Rodrigues. Op. cit., p. 1-4. Disponível em https://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt7/sessao1/Patrick_Andrade.pdf. Consultado em 29.10.2023.

60 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 357 (trecho extraído pelo autor do Livro I d’*O capital* (Idem, p. 586 Nota 51).

61 Sobre Adam Smith (1723-1790), um dos maiores representantes da [Escola Econômica Clássica Britânica](https://pt.wikipedia.org/wiki/Adam_Smith), veja https://pt.wikipedia.org/wiki/Adam_Smith (Consultado em 29.10.2023).

62 Ibidem, p. 357.

em primeiro lugar, [a forma socialista de trabalho, digo eu] transformará o trabalhador em dirigente consciente do processo de produção, limitando seu trabalho, cada vez mais, à mera supervisão das gigantescas máquinas e forças naturais que intervêm no processo produtivo”; bem assim, “por seu caráter de trabalho coletivo, diretamente socializado, cujo produto já não enfrentará o produtor na forma de objeto alienado que o domina”. O trabalho no socialismo, liberado das amarras e exploração do passado, “perderá as características repelentes do trabalho forçado [...]”. Quantitativamente, a “transformação do trabalho se manifestará em uma redução fundamental do tempo de trabalho e na consequente criação e ampliação do tempo livre”.⁶³

Quanto ao **tempo livre**, questão cara para Marx, e também para Engels, é preciso ter em mente que na transição da forma capitalista para a forma social comunista é necessário passar, na visão dos dois amigos, pela forma socialista de sociedade. É desta forma social que Roman Rosdolsky aborda no capítulo em comento. Sendo assim, ele afirma, que, apesar de a sociedade socialista ainda não poder abrir mão do mais-trabalho, ela “estará em condições de reduzir ao mínimo a quantidade de trabalho que caberá a cada

Folheto nº 13 – Parte VI: Conclusão. Capítulo 28 O limite histórico da lei do valor. Observações de Marx sobre a ordem social socialista
Brasília-DF, 30.11.2023

um dos seus membros, graças ao **pleno desenvolvimento das forças produtivas**”.

Rosdolsky, indo novamente ao Livro I d’*O capital*, reproduz o que ali se lê quanto à redução da quantidade de trabalho na forma socialista de sociedade: “A supressão da forma capitalista de produção permite restringir a jornada de trabalho ao trabalho necessário [trabalho pago, digo eu]. Todavia, este último, mantendo-se constantes as demais condições, poderia ampliar-se. Por um lado, porque as condições de vida do trabalhador seriam mais folgadas, e maiores suas exigências vitais. Por outro, porque uma parte do mais-trabalho atual [na forma social capitalista, digo eu] seria contada como trabalho necessário, isto é, trabalho requerido para constituir um fundo social de reserva e de acumulação”.⁶⁴

O autor de *Gênese* prossegue. Com tudo isso, a tradicional divisão de trabalho em trabalho manual e intelectual, além de se tornar obsoleta, pois a diferença entre tempo de trabalho e tempo livre (que terá de ser repartido entre os setores produtivos e o indivíduos) terão que ser comparados, bem assim os resultados da produção, o que exige como medição um parâmetro unitário, “perderá o caráter antitético [antagônico, digo eu] que possui hoje, pois o tempo de trabalho e o tempo livre serão cada vez mais parecidos e complementares”.⁶⁵

Na produção socialista coletiva, a determinação do tempo de trabalho “permanece essencial”, prescreve Marx. Quanto menor o tempo que se “necessita para produzir trigo, gado etc.”, dado o alto grau de desenvolvimento das forças produtivas, frisamos, pois esta condição é fundamental para Karl Marx em sua análise, tanto mais

63 Ibidem, p. 358 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

64 Ibidem, p. 587 Nota 60.

65 Ibidem, p. 358 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

tempo se ganha para outras produções, “materiais ou espirituais”. Ele conclui: “*Economia de tempo, a isso se reduz finalmente toda economia*” (grifo do autor). A sociedade deverá se guiar por uma economia planificada, em oposição à perspectiva de caos inerente à dinâmica do sistema capitalista (em função da busca permanente e crescente por mais-mais-valia). “A sociedade deve repartir seu tempo de modo planejado para conseguir uma produção adequada às suas necessidades, vistas como um conjunto, assim como o indivíduo deve dividir o seu, de forma cuidadosa, para adquirir os conhecimentos nas proporções adequadas ou para satisfazer as variadas exigências de sua atividade”.

Na forma socialista de produção coletiva, “economia de tempo e repartição planejada do tempo de trabalho entre os diferentes setores produtivos formam a [sua, digo eu] primeira lei econômica”, ensina Marx. Neste ponto, mais uma vez frisamos, a economia de tempo, como destaca sempre o nosso filósofo alemão, a poupança de tempo de trabalho, “[...] se identifica com o desenvolvimento da força produtiva”.⁶⁶ Nunca “abstinência de fruição” de forma alguma implica em deixar de usufruir de alguma coisa em função da suposta economia de tempo de trabalho, “mas sim [implica em, digo eu]

Folheto nº 13 – Parte VI: Conclusão. Capítulo 28 O limite histórico da lei do valor. Observações de Marx sobre a ordem social socialista
Brasília-DF, 30.11.2023

desenvolvimento de poder, de capacidades para a produção e, portanto, tanto das capacidades como dos meios de fruição”. A capacidade de fruição é uma condição para a capacidade para a produção, capacidade de desenvolvimento da força produtiva.⁶⁷ Perceba que o tempo de trabalho, na forma socialista de produção, conforme concebida por Marx, difere e muito do papel do tempo de trabalho no modo de produção capitalista, cujo tempo de trabalho é a medida dos valores do trabalho ou do produto.⁶⁸

Isto posto, pode-se concluir pelo **fim da vigência da lei do valor no socialismo?**

Chegamos a um grande problema colocado no debate. Conforme cravou no Livro IV da sua obra definitiva, de acordo com o que nos traz Roman Rosdolsky, o tempo de trabalho, para Marx, “sempre segue sendo – mesmo quando esteja abolido o valor de troca⁶⁹ – a substância criadora e a medida dos custos que requer sua produção”. No entanto, segundo aferimos do comentário de Rosdolsky a esse respeito, tal afirmativa não quer dizer de antemão que há em Marx uma ideia de uma lei do valor no socialismo, como insinuavam os críticos da época.⁷⁰ Senão, vejamos.

Todos sabemos, pelo menos os iniciados, que, para os dois teóricos revolucionários, parceiros e amigos de toda vida, Karl Marx e Friedrich Engels, segundo anota o nosso pensador ucraniano⁷¹, referindo-se à obra de Engels, *Anti-Dühring*, “o valor era considerado uma categoria ‘que é a expressão mais ampla da escravização dos

66 Ibidem, p. 358 e 359.

67 Ibidem, p. 587 Nota 63.

68 Ibidem, p. 359.

69 Igualmente aqui no sentido de valor, ou valor econômico, ou intrínseco da mercadoria.

70 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 588 Nota 64.

71 Idem, p. 359 (Idem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

produtores por seu próprio produto”. Para os fundadores do socialismo “científico”, a categoria valor, típica da forma social capitalista, demonstra “(a) que os indivíduos seguem produzindo só para a sociedade e na sociedade [para o mercado e no mercado, no sentido capitalista da expressão, ou seja, com base no valor e no valor de troca e não no valor de uso, digo eu⁷²]; (b) que sua produção não é *imediatamente* social, não é fruto de uma associação que divide o trabalho dentro de si⁷³”.

Folheto nº 13 – Parte VI: Conclusão. Capítulo 28 O limite histórico da lei do valor. Observações de Marx sobre a ordem social socialista
Brasília-DF, 30.11.2023

No socialismo e também, sobretudo, no comunismo, tais condições não têm como existir. Na sociedade burguesa, produtora de mercadorias (no sentido específico de mercadoria da forma capitalista), “o trabalho é transformado em trabalho geral, através da troca” – e não em trabalho social como deve ser no socialismo, o que veremos logo a seguir –, sendo que a realização (mediação) desta troca é feita através do seu valor, cuja magnitude é materializada no dinheiro (o dinheiro da forma capitalista, ou seja, o dinheiro que expressa a grandeza valor). O valor e o dinheiro (como expressão do valor) são expressões de uma única e mesma relação, a relação social da produção capitalista, voltada para a reprodução e valorização contínua e crescente do capital.

No socialismo, “o trabalho do indivíduo é, desde o início, trabalho social [...]”, prescreve Marx. Trabalho social⁷⁴, agora, na forma de trabalho que é realizado em conjunto com outros trabalhadores, em um processo de produção social, sendo, pois, nesse sentido, uma categoria que se refere ao trabalho coletivo. No socialismo, “não há nenhum produto particular para ser trocado”. Não há produto a ser trocado como mercadoria típica capitalista. Portanto, o “produto não é valor de troca [no sentido, não custa repetir, de valor, ou valor econômico, ou valor intrínseco da mercadoria, cuja substância é o tempo de trabalho abstrato socialmente necessário, digo eu]”. Repare a importante diferenciação que Marx faz entre produto e mercadoria, pois, ao citar um e outro em situações diversas não o faz como sinônimos. Em sua obra, mercadoria tem uma definição singular, é mercadoria capitalista, com toda a complexidade que essa definição traz, conforme estamos a ver neste Artigo Expositivo I.

72 Para uma revisão das categorias *valor de uso*, *valor* e *valor de troca*, remetemos o leitor para o capítulo 3 (“Karl Marx e o problema do valor de uso na economia política”) do [Folheto nº 02](#).

73 Em Marx, a *produção imediatamente social* diz respeito à ideia de que “a *produção* e o *consumo* são processos *interdependentes e inseparáveis*, onde o ato de consumir é também um ato de produzir, e vice-versa” (grifo nosso). Na concepção marxiana, produção e consumo não são separados e não são opostos. Consumo e produção, portanto, “são partes de uma relação dialética”, uma relação “que culmina na percepção de que uma relação permanente entre os dois termos significa a dependência recíproca de ambos e, ao mesmo tempo, a primazia do primeiro termo (da produção)”. Já os economistas capitalistas separam o momento do consumo e o da produção, embora admitam que há consumo produtivo (consumo dos meios de produção no processo produtivo), mas o diferencia do consumo propriamente dito (o consumo do produto final). Como a produção precisa da propriedade, pois é um ato de apropriação da natureza, é a transformação de um objeto anterior, e como na sociedade capitalista a propriedade dos fatores de produção é uma propriedade privada, “ligada aos interesses de classe daqueles que detêm a propriedade dos meios de produção”, a separação entre produção e consumo é também expressão dos interesses da classe proprietária dos fatores de produção e, portanto, detentora da própria forma de consumo e da distribuição dos produtos (e também dos próprios meios de produção) (*in* SIQUEIRA, Vinícius. **A dialética de produção e consumo – Karl Marx**. Site Colunas Tortas, 2014. Disponível em <https://colunastortas.com.br/producao-e-consumo-em-marx/>. Consultado em 30.10.2023).

74 Cujo conceito no geral se refere ao processo de trabalho e à relação entre o trabalhador e os meios de produção.

Tem mais. Na ordem socialista, em vez de uma divisão de trabalho que implique necessariamente na troca de valores (mercadorias), “haverá uma organização do trabalho, a partir da qual se define a porção que corresponde ao indivíduo no consumo coletivo”.⁷⁵ Decorre dessa lógica o brocardo “*a cada um segundo sua contribuição*”⁷⁶ (grifo nosso), lançado mão por Marx como expressão de uma das características definidoras do socialismo, em contraposição ao método de distribuição e compensação no capitalismo, no qual “os proprietários dos meios de produção recebem ‘renda imerecida’”, em virtude exatamente da propriedade dos fatores de produção, “independentemente de sua contribuição para o produto social”.⁷⁷ Por isso, complementa Rosdolsky, “a medição

Folheto nº 13 – Parte VI: Conclusão. Capítulo 28 O limite histórico da lei do valor. Observações de Marx sobre a ordem social socialista Brasília-DF, 30.11.2023

do trabalho pelo tempo de trabalho só será um meio de planejamento social e já nada terá em comum com o ‘famosíssimo valor’ [expressão tomada por Roman e Engels, esclarecemos] e com a lei do valor”.⁷⁸

Roman Rosdolsky assenta que no socialismo a mediação do trabalho pelo tempo de trabalho poderá cumprir duas funções, “a depender do grau de desenvolvimento das forças produtivas”, e, principalmente, “de ‘quanto há para repartir’⁷⁹”, diz ele citando Marx: a) “no próprio processo da produção, servirá para estabelecer a quantidade de trabalho vivo necessário à produção de diversos bens, de modo a poder administrá-la da forma mais econômica”; b) “como meio de distribuição que ajudará a atribuir, aos diversos produtores individuais, participações no produto social destinado ao consumo”.⁸⁰

Encerrando este terceiro item, e, conseqüentemente, o capítulo 28 de *Gênese e estrutura de “O capital”*, fundamental entender que, se de um lado, a sociedade socialista pensada por Karl Marx não se desenvolve sobre suas próprias bases, mas sim, ao contrário, surge da sociedade capitalista – ou seja, a sociedade socialista (uma sociedade de transição no esquema marxiano/engeliano do socialismo científico), nas palavras de Marx, surge “trazendo em si todas as características – econômicas, morais, intelectuais – da antiga sociedade, em cujo interior nasceu”, de outro, segundo Rosdolsky, é certo que o socialismo expropria os capitalistas, “transformando os meios de produção

75 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 359.

76 Esse brocardo refere-se ao socialismo. Para a ordem social comunista Marx adotou, em seu livro *Crítica ao Programa de Gotha* (1875) o brocardo “*De cada qual, segundo sua capacidade; a cada qual, segundo suas necessidades*” (grifo nosso). Sobre a origem das duas frases, veja https://pt.wikipedia.org/wiki/A_cada_um_segundo_sua_contribui%C3%A7%C3%A3o e https://pt.wikipedia.org/wiki/De_cada_qual_segundo_sua_capacidade;a_cada_qual_segundo_suas_necessidades. Consultado em 30.10.2023.

77 Site Wikipedia apud O'Hara, Phillip (setembro de 2003). Enciclopédia de Economia Política, Volume 2. Routledge. [S.l.: s.n.]. De acordo com O'Hara, “Os rendimentos de propriedade são, por definição, recebidos em virtude da propriedade. O aluguel é recebido da propriedade da terra ou dos recursos naturais; os juros são recebidos em virtude da posse de ativos financeiros; e o lucro é recebido da propriedade do capital de produção. Os rendimentos de propriedade não são recebidos em troca de qualquer atividade produtiva exercida por seus destinatários”. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/A_cada_um_segundo_sua_contribui%C3%A7%C3%A3o#cite_note-2. Consultado em 01.11.2023.

78 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 359.

79 Idem, p. 360.

80 Ibidem, p. 359.

[e não os bens pessoais (casa, carro, etc.), digo eu] em propriedade comum, propriedade do povo”. Sendo ainda uma sociedade de transição, a forma social socialista “ainda está longe de poder usar o princípio comunista da distribuição: ‘De cada um conforme suas capacidades, a cada um conforme suas necessidades’”. No socialismo, prossegue Rosdolsky, sempre com Marx, impera o princípio “a cada um segundo sua contribuição”, pois o modo de distribuição socialista ainda “permanece dominado pelo ‘direito burguês’ que, ‘como qualquer direito, é, por seu conteúdo, um direito da desigualdade’”.⁸¹

No primeiro estágio do processo de superação do capitalismo, o produtor, individualmente, conforme enumerado na obra de Marx, *Crítica ao Programa de Gotha*, tem deduzido do seu ganho, por exemplo, a cobertura para renovação dos meios de produção sociais utilizados; a parcela para expandir a produção; a parte destinada a fundos de reserva ou de seguro contra imprevistos e perturbações devidas a acidentes naturais etc.; os custos gerais de administração, não integrantes da produção; a quantia destinada a satisfazer os interesses comunitários (saúde, educação, fundo de previdência e assistência social etc.).⁸² Em uma sociedade do tipo, arremata Rosdolsky, “não pode

Folheto nº 13 – Parte VI: Conclusão. Capítulo 28 O limite histórico da lei do valor. Observações de Marx sobre a ordem social socialista
Brasília-DF, 30.11.2023

haver lugar para uma lei do valor [...]; a regulação da produção e da distribuição não fica entregue ao jogo cego do mercado. Fica submetida ao controle consciente da sociedade”.⁸³

Reportando-nos a um parágrafo do início deste texto, quanto à refutação de Roman Rosdolsky das afirmações que negam que Marx e Engels não formularam ideias sobre a ordem econômica e social socialista, muito embora não tenham teorizado as sociedades socialista e comunista, o nosso autor e pensador marxista ucraniano mostrou em sua grande obra como devemos compreender, exatamente por isso, a investigação marxiana das inter-relações econômicas, senão como “**leis dialéticas da evolução**” (grifo nosso). Por isso, ensina Roman, o “historicismo” da crítica de Marx da economia política capitalista se revela “como um método que pretende investigar tanto as condições de existência do capitalismo como seus limites históricos, e cujas conclusões socialistas, orientadas para superar o capitalismo, parecem não menos fundamentais para o conjunto do sistema de Marx que sua investigação e crítica das próprias categorias econômicas”.⁸⁴

Resumindo: vimos no capítulo 28 de *Gênese e estrutura de “O capital”* que (a) na sua crítica da economia política capitalista, Karl Marx, apesar de não construir uma

81 Ibidem, p. 360.

82 Ibidem, p. 589 Nota 73.

83 Ibidem, p. 360. No final do capítulo, Rosdolsky faz uma pequena menção ao debate travado na União Soviética sobre a vigência da lei do valor naquele país, não ingressando na discussão por ultrapassar, segundo ele, os limites do trabalho objeto de *Gênese*, limitando-se a citar a posição de economistas do bloco soviético na defesa pela elevação da lei do valor “à posição de princípio socialista de distribuição”, o que indica, conforme afirma, entre outras coisas, “até que ponto as condições econômicas e sociais imperantes na União Soviética se fastaram das metas originalmente fixadas pela Revolução de Outubro de 1917”. Porém, cita um importante economista da Revolução Russa de 1917, Eugeni Preobrazhenski, e seu livro *A nova economia*, de 1926, como uma importante referência na matéria (Ibidem, p. 361).

84 Ibidem, p. 361.

teoria das formas sociais superadoras do modo de produção capitalista, no caso, as formas socialista e comunista, visto que incompatível com sua (e também de Engels) concepção materialista dialética da história, estudou a possibilidade de eclosão de uma revolução socialista sob a perspectiva das contradições do próprio capitalismo, isto é, a possibilidade de uma revolução que viria resolver as contradições reais da forma social vigente a partir das suas próprias leis, cuja reforma se mostra impossível posto que as contradições a serem superadas pertencem à sua própria natureza. Para Marx, uma nova forma social surge sempre das entranhas das condições atuais da própria forma social vigente. Por isso Karl Marx não é o teórico do socialismo ou comunismo, mas sim da crítica econômica e social do capitalismo, desvendando suas leis e descobrindo as contradições que levariam à superação dessa forma social por outra; (b) Marx, no que se refere ao desenvolvimento da individualidade humana no capitalismo, observa que a independência pessoal alcançada sob essa ordem não é pressuposto de uma individualidade plena, que resultaria numa suposta liberdade plena do indivíduo, como festejam e querem fazer crer os apologetos da sociedade burguesa. Na verdade, esta propalada independência pessoal é construída sob uma base de dependência em relação às coisas. Por conta disso se tem a impressão de que os indivíduos sob o capitalismo parecem livres, parecem independentes,

Folheto nº 13 – Parte VI: Conclusão. Capítulo 28 O limite histórico da lei do valor. Observações de Marx sobre a ordem social socialista
Brasília-DF, 30.11.2023

para se defrontar uns com os outros e realizar trocas em liberdade. Ledo engano. No capitalismo, embora se reconheça como um avanço nas relações sociais de produção face às formas pré-capitalistas, os indivíduos foram submetidos a uma nova sujeição, ao domínio reificado (coisificado) das relações de produção que escapa a qualquer controle. Somente em tese, na sociedade burguesa, o indivíduo é livre e pode se quiser, independente do seu caráter pessoal, participar ou não dos vínculos sociais forjados por relações externas (ou de mercado). Na forma social capitalista quem é livre é o capital e não o indivíduo. Em Marx, assim como na filosofia clássica alemão, a história da humanidade é um processo necessário de formação da personalidade humana e de sua liberdade, contudo é preciso liberar essa noção de toda ilusão ideológica que contém, e isso se faz colocando-a sobre a base firme da história real, ou seja, sobre a base do desenvolvimento das relações sociais de produção histórica e dialeticamente consideradas. Nesse sentido, mergulhado em suas contradições, quando o capital deixa de ser essencial para o desenvolvimento das forças produtivas sociais, pois o desenvolvimento dessas forças produtivas encontrou um limite no próprio capital, está dada a condição para que a individualidade forjada na forma social capitalista seja superada de vez por uma livre individualidade baseada no desenvolvimento universal dos indivíduos e na produtividade coletiva, social, considerada como patrimônio social – enfim, pela forma social comunista; (c) a partir do método materialista histórico e dialético, examinando o desenvolvimento da maquinaria, ou, de maneira geral, das forças produtivas, no âmbito do modo de produção capitalista, Marx identifica que este desenvolvimento é précondição material para o socialismo, na condição de ordem social

de transição ao comunismo. Por assim ser, condiciona o trabalho da forma socialista de sociedade ao pleno desenvolvimento possível das forças produtivas sociais, materiais e tecnológicas alcançado pela produção capitalista, o que levaria a apropriação pela massa trabalhadora do seu próprio mais-trabalho. Com isso, a medida da riqueza social não seria mais o tempo de trabalho, mas sim o tempo disponível, em seu sentido mais elevado de proporcionar o desenvolvimento humano; (d) por fim, para o nosso filósofo alemão, como consequência do disposto nas alíneas anteriores, a lei do valor, a “lei da subordinação crescente do trabalhador ao capital”, a lei da exploração do trabalho – uma lei típica da produção capitalista – encontra-se submetida a limites históricos. Embora no socialismo o trabalho também seja uma categoria decisiva e vital, não se trata da forma trabalho da qual os detentores dos meios de produção extraem mais-valor (categoria que expressa a lei do valor). Na forma social socialista, o trabalho é colocado como atividade humana criadora liberada das escórias do trabalho “forçado” da ordem social burguesa. Em uma sociedade baseada na produção coletiva, economia de tempo de trabalho e repartição planejada do tempo de trabalho entre diferentes setores produtivos formam a sua primeira lei econômica. Neste cenário, desaparecendo a forma do mais-trabalho das massas em benefício de poucos, isto é, em benefício dos proprietários dos meios de produção, e sob o controle do capital, o produto deixa de ser valor de troca (cujo objetivo maior é propiciar

Folheto nº 13 – Parte VI: Conclusão. Capítulo 28 O limite histórico da lei do valor. Observações de Marx sobre a ordem social socialista
Brasília-DF, 30.11.2023

a realização do valor e não necessariamente suprir as necessidades de consumo). Não mais haveria produto a ser trocado nos moldes capitalistas. Também o trabalho deixa de ser trabalho geral e passa a ser trabalho social típico, posto que alocado na produção coletiva. Desse modo, a medição do trabalho pelo tempo de trabalho – premissa da lei do valor – só seria um meio de planejamento social e já nada teria em comum com a categoria “valor” e com a lei do valor que rege na sua essência a produção capitalista.

Capítulo 29 – A reificação das categorias econômicas e a “verdadeira concepção do processo social de produção”

No início do último capítulo da parte conclusiva de *Gênese e estrutura de “O capital” de Karl Marx*, Roman Rosdolsky realça o que encontrou nos *Grundrisse* sobre o caminho percorrido por Marx para apor “a **negação**” (grifo nosso) do sistema da economia burguesa (capitalista) como “último resultado” do desenvolvimento gradativo desse sistema. Como escreve nosso autor ucraniano, foi necessário que Marx investigasse e expusesse a história do capital, desde a forma “capital em geral” (o capital ideal ou abstrato) até chegar às suas formas concretas, as formas do capital em sua pluralidade ou em concorrência (o capital real ou concreto). Além disso, continua o autor de *Gênese*, foi preciso que o filósofo alemão decifrasse “passo a passo as **formas mistificadas** nas quais ele [o capital, digo eu] se manifesta, para encontrar seu verdadeiro conteúdo” (grifo nosso).⁸⁵

Concentrando sua atenção final ao que denominou de **aspecto mistificado – ou misterioso, ou fetichizado – das formas do capital**, Rosdolsky encerra seu célebre trabalho (que durou quase 20 anos) de comentar os manuscritos de 1857/1858,

85 Ibidem, p. 363. Acerca do aspecto metodológico da investigação marxiana do capital, que contempla a escolha por começar a crítica da economia política capitalista com o “capital em geral”, até chegar à “pluralidade de capitais”, reveja o [Capítulo 2](#) do Folheto nº 02.

Grundrisse (“Elementos (Esboços) fundamentais para a crítica da economia política”), primeiro conjunto de manuscritos da crítica marxiana do modo de produção capitalista, versão inicial da obra magna de Karl Marx, *O capital: Crítica da economia política*.

Partindo desse ponto de vista, a par da obra *Manuscritos Econômico-Filosóficos* (1844)⁸⁶, onde Marx, ainda jovem, enfrentou inicialmente o problema, e do contido em *O capital*, em cuja obra da maturidade o filósofo alemão, como afirma o nosso pensador ucraniano, conduziu a questão até o fim, Roman assenta que o sistema da economia burguesa constitui também “uma história da ‘**autoalienação**’ humana” (grifo nosso). Na visão de Rosdolsky, não se tratava somente “de descobrir o caráter alienado das categorias econômicas, mas sim entender como essa ‘**inversão de sujeito e objeto**’,

Folheto nº 13 – Parte VI: Conclusão. Capítulo 29 A reificação das categorias econômicas e a “verdadeira concepção do processo social de produção”
Brasília-DF, 30.11.2023

própria do modo de produção capitalista, era necessária e condicionada por causa reais” (grifo nosso).⁸⁷

Mas o que o nosso autor ucraniano quer dizer com esse enunciado que mais parece ser um palavrório? Neste ponto, fazemos uma pausa necessária na reprodução do comentário de Roman Rosdolsky para tentar decifrar as categorias filosóficas que permeiam o tema deste capítulo, presentes literalmente ou subliminarmente no referido enunciado, na condição de peças-chave para a compreensão do capítulo em comento. Primeiramente abordaremos a categoria filosófica da **alienação**.

Referindo-nos, genericamente, ao termo “alienação” (ou “afastamento”, ou, ainda, “estranhamento”), este exprime, sobretudo, “a ideia de algo que está *separado* de outra coisa ou que é *estranho* a essa coisa: estou alienado de mim na medida em que não posso compreender ou aceitar a mim mesmo; o pensamento está alienado da realidade, pois a reflete de forma inadequada; estou alienado de meus desejos uma vez que eles não são autenticamente meus, sendo antes impostos a mim do exterior; estou alienado dos resultados dos meus trabalhos porque estes se tornam mercadorias; e posso estar alienado da minha sociedade, pois em vez de fazer parte de uma unidade social que a constrói, me sinto controlado por ela. O conceito filosófico de alienação foi discutido nas obras de

86 Discorrendo sobre os *Manuscritos*, Rosdolsky identifica um Marx “principalmente filósofo”, um Marx “que procura aplicar à economia, domínio que já considerava decisivo, sua recém-esboçada concepção humanista – ou seja, materialista – da história” (in ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 21). No âmbito da Economia, os referidos escritos são mais conhecidos por trazerem a expressão inaugural do argumento de Marx “de que as condições das sociedades industriais modernas resultam no *distanciamento* (ou *alienação*) [ou, ainda, no caráter *coisificado/reificado*, digo eu] dos trabalhadores assalariados em relação à própria atividade/trabalho de sua vida” (grifo nosso) (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuscritos_Econ%C3%B4micos_e_Filos%C3%B3ficos_de_1844. Consultado em 02.11.2023). Nos *Manuscritos* há a designação e identificação de uma forma particular de *alienação do homem* – uma *alienação econômica e social* (situação através da qual as pessoas são apartadas, em relação à economia, dos bens que elas mesmas produzem) –, bem como da própria ciência econômica que reflete o desenvolvimento da ordem social capitalista (in ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 21 e MARX, Karl Heinrich. **O capital: crítica da economia política. Livro I – O processo de produção do capital**. Op. cit., p. 19 (Apresentação)). Retira-se do estudo da economia as relações sociais de produção, restringindo-o ao processo produtivo e seus desdobramentos.

87 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 363.

Hegel, Feuerbach⁸⁸ e, por último, nas de Marx. Em Hegel, o progresso para o absoluto consiste num crescimento da autoconsciência, que é um processo de ‘desalienação’ por meio do qual aquilo que está separado e falsamente objetivado recupera sua unidade através da autocriação e da autoconsciência (embora as mentes finitas, agentes desse crescimento, alienem-se de si mesmas na atividade e na ‘objetivação’ de seus produtos materiais e sociais). Em Feuerbach, pelo contrário, abandonam-se os aparatos absolutistas da alienação hegeliana e o conceito é substituído pelo de *autoalienação*, uma condição a ser superada pela autoconsciência que, por sua vez, é o resultado da relação apropriada com nossos produtos e atividades⁸⁹. Em Marx, a alienação é radicalmente *econômica e social*: é porque o proletariado só tem como bem sua força de trabalho que seu labor cai sob o domínio do outro; então ele é separado do seu produto [é separado do produto do seu trabalho, digo eu] e ‘o trabalho alienado (...) [apartado da propriedade dos meios de produção, digo eu] é mortificação’” (grifo nosso).⁹⁰

Tratemos agora da **inversão metodológica entre sujeito e objeto**, tão própria da construção teórica capitalista. De acordo com o que expusemos em nosso texto,

Folheto nº 13 – Parte VI: Conclusão. Capítulo 29 A reificação das categorias econômicas e a “verdadeira concepção do processo social de produção”
Brasília-DF, 30.11.2023

*Arrazoado da obra “Contribuição crítica da Filosofia do Direito de Hegel”*⁹¹, para o filósofo idealista alemão, Georg W. F. Hegel, examinando a essência do *ser*, “a apreensão da vida passa pela mediação da consciência de tal modo que o *ser* é subsumido como um momento da *consciência* e não da vida. O real só poderia ser apreendido se mediado pela consciência humana” (grifo nosso). Isso significa que “**a consciência determina o ser**” (grifo nosso). Que o objeto/predicado determina o sujeito. Ou, digo eu, como que aplicando a conclusão de Descarte posta em sua obra *Discurso sobre o Método*: “penso, logo existo” ou, melhor, “penso, portanto sou”⁹². Na crítica a Hegel, Karl Marx prescreve que a lógica hegeliana parte “equivocadamente” do que é o predicado/objeto (no caso, a *consciência*), em vez de partir do que é o sujeito (na hipótese, o *ser*). Isso significa, de acordo com a visão materialista marxiana, que Hegel realiza um raciocínio **invertido** da

88 Sobre Georg W. F. Hegel (1770-1831) e Ludwig A. Feuerbach (1804-1872), veja, respectivamente, https://pt.wikipedia.org/wiki/Georg_Wilhelm_Friedrich_Hegel e https://pt.wikipedia.org/wiki/Ludwig_Feuerbach. Consultados em 03.11.2023.

89 Karl Marx busca o conceito de *alienação* e, consequentemente, de *autoalienação* em Feuerbach. Acerca da filosofia de Feuerbach e sua influência fundamental sobre Marx, veja o texto da nossa autoria *Arrazoado do manuscrito “Teses sobre Feuerbach”*, publicado na Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx: uma introdução, deste Blog.

90 Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/aliena%C3%A7%C3%A3o>. Consultado em 03.11.2023.

91 Um pouco sobre a filosofia de Hegel e sua influência também fundamental sobre Marx, veja o escrito citado no parágrafo em Nota acessando a *Seção Preliminar – Conhecendo Karl Marx: uma introdução*, deste Blog.

92 René Descartes (1596-1650) foi um filósofo, físico e matemático francês. “Defendeu a tese de que ‘a dúvida era o primeiro passo para se chegar ao conhecimento’”. Decorre daí o *método cartesiano*. Descartes instituiu a *dúvida filosófica*: “só se pode dizer que existe aquilo que puder ser provado”, sendo “o ato de duvidar indubitável”. Baseado nisso, “busca provar a existência do próprio eu – que, aliás, dúvida – e de Deus”. Decorre dessa reflexão o princípio elaborado por ele: “*je pense, donc je suis* ou, em latim, *cogito ergo sum*, ‘penso, logo existo’”. Em Descartes, mesmo que uma pessoa duvidasse de tudo, não poderia duvidar de que ela mesmo existe, pelo menos enquanto “coisa” que pensa (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ren%C3%A9_Descartes. Consultado em 04.11.2023).

realidade e do mundo, pois considera o predicado/objeto – a *consciência* – como sendo o sujeito, e o sujeito – o *ser* – como sendo o predicado/objeto. Logo, é preciso “endireitar”, ou melhor, “desinverter”, a lógica hegeliana. Na concepção materialista de Marx e Friedrich Engels, o sujeito é que determina o predicado/objeto, e não o contrário. Assim sendo, “**o ser determina a consciência**”. Em outras palavras, como que também invertendo a já mencionada conclusão de Descarte em seu *Discurso sobre o Método*, teríamos o seguinte princípio: “existo, logo penso”, ou melhor, “sou, portanto penso”⁹³.

Passemos, então, à questão da **reificação/coisificação**, isto é, o processo de transformar algo em coisa. Trata-se de “uma operação mental que consiste em transformar conceitos abstratos em objetos ou mesmo tratar seres humanos como objetos”. Em Karl Marx, o conceito “designa uma forma particular de alienação, característica do modo de produção capitalista. Implica a coisificação das relações sociais, de modo que a natureza é expressa através de relações entre objetos de troca”. No primeiro volume do *Capital*, Marx oferece uma caracterização objetiva do fenômeno

Folheto nº 13 – Parte VI: Conclusão. Capítulo 29 A reificação das categorias econômicas e a “verdadeira concepção do processo social de produção”
Brasília-DF, 30.11.2023

da reificação, segunda a qual a relação entre os homens se torna uma relação entre coisas, que os homens somente se relacionam mediados pelas coisas no capitalismo. A raiz disso estaria na transformação de valores de uso [algo cuja utilidade é satisfazer as necessidades humanas, digo eu] em valores de troca [algo cujo objetivo visa o lucro, digo eu novamente], um processo que abstrai as características específicas de reconhecimento da atividade humana na produção de mercadorias, para igualar entidades que são desiguais por natureza. A relação social que produz o objeto é abstraída com isso, relação que é a expressão da atividade humana na esfera de produção de mercadorias, se projetando, assim, como uma relação mediada por coisas, reificando a relação social responsável pela criação do objeto”. Decorre daí o conceito marxiano de “fetichismo da mercadoria e também do capital”, que abordaremos a seguir.⁹⁴

93 A expressão “existo, logo penso” utilizada no parágrafo em Nota foi extraída do texto de Charles Bakalarczyk, **Existo, logo penso! (ou se Marx foi um filósofo)** (Disponível em <https://charlesbaka.blog/2020/04/16/existo-logo-penso-ou-se-marx-foi-um-filosofo/>. Consultado em 04.11.2023). A aplicação da referida expressão no parágrafo, além de ter como base o escrito de Bakalarczyk, também se deve ao nosso entendimento de que a “inversão” do princípio de Descartes guarda pertinência com críticas feitas a ele como a realizada por [Gottfried Wilhelm Leibniz](#) (1646-1716), cuja objeção a Descarte “consiste em apontar que haveria na demonstração do *cogito* (penso) uma circularidade, isto é, o ‘eu’ que existe já está pressuposto ao assumir ‘eu penso’”; bem assim na proferida por [Friedrich Nietzsche](#) (1844-1900) “que, embora não chegue a se referir diretamente a Descartes, estabelece uma crítica ao *cogito ergo sum* (‘penso, logo existo’), no sentido de que, por meio da demonstração do *cogito*, Descartes não construiria um conhecimento sem pressupostos e nem o firmaria em bases sólidas e seguras, como pretendia” (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Cogito_ergo_sum e <https://www.dm.jor.br/entretenimento/2018/06/marx-e-freud-o-encontro-possivel/>. Vistos em 04.11.2023).

94 Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Reifica%C3%A7%C3%A3o_\(marxismo\)#cite_note-1](https://pt.wikipedia.org/wiki/Reifica%C3%A7%C3%A3o_(marxismo)#cite_note-1). Consultado em 04.11.2023. Conforme o site em referência, outra maneira de se entender o fenômeno da coisificação/reificação é a proferida pelo filósofo [Theodor Adorno](#) (1903-1969): “Segundo o texto *Técnica, corpo e coisificação: notas de trabalho sobre o tema da técnica em Theodor W. Adorno* [da autoria de Alexandre Fernandez Vaz e Jaison José Bassani, acrescentamos], o processo de coisificação das relações sociais é mediado pela técnica, que torna as pessoas semelhantes às máquinas [...]. Para Adorno, a técnica é supervalorizada e fetichizada a tal ponto que as pessoas se relacionam com ela de forma exagerada e irracional, tornando-a o ponto central da vida. No processo de coisificação, as pessoas perdem os traços de subjetividade e individualidade, passando a compor um coletivo de pessoas que tem a vida mediada pela técnica”.

Antes de retornarmos ao conteúdo específico do capítulo em comento, chegamos a uma categoria fundamental da análise marxiana da sociedade capitalista: a **fetichização**.

De acordo com Karl Marx, “o fetichismo é uma relação social entre pessoas, mediada por coisas [uma relação social coisificada/reificada, digo eu]. O resultado é a aparência de uma relação direta entre as coisas e não entre as pessoas. As pessoas agem como coisas e as coisas como pessoas”. No caso das mercadorias, por exemplo, “o fetichismo surge como um fenômeno social e psicológico onde as mercadorias aparentam ter vontade independente de seus produtores”. É como se o valor da mercadoria fosse intrínseco a ela, que surgisse dela própria, e não da exploração da força de trabalho, que, por sua vez, é uma mercadoria. Como sabido e consabido, considerando o estágio atual da nossa “expedição”, o proprietário da mercadoria força de trabalho, o trabalhador, é “forçado” a vendê-la ao proprietário dos meios de produção, o capitalista, em troca de salário, com vistas à sua subsistência e reprodução social, que, aliás, representa apenas uma parte do valor da força de trabalho intercambiada (trabalho necessário, ou trabalho pago). Na forma social capitalista, as mercadorias parecem ter uma vida e um poder próprios, ocultando as relações de trabalho que as produziram.⁹⁵ A mesma lógica aplicada para a mercadoria vale para o dinheiro e, no geral, para o capital, uma vez que a mercadoria propriamente dita e o dinheiro são apenas duas das formas que o capital assume em seu movimento de valorização, ressaltamos.

Folheto nº 13 – Parte VI: Conclusão. Capítulo 29 A reificação das categorias econômicas e a “verdadeira concepção do processo social de produção”
Brasília-DF, 30.11.2023

É deste aspecto mistificado/fetichizado/misterioso das categorias econômicas do modo capitalista de produção, desta aparência, que advém, por exemplo, a ideia central de cultuadores do mercado que veem no mecanismo da oferta e da procura o determinante do valor e preço das mercadorias (que, como também nesta altura já devemos saber, são grandezas distintas).

Portanto, o aspecto das formas mistificadas na qual o capital se manifesta diz respeito à maneira como o modo de produção capitalista pode obscurecer as reais relações de produção e exploração que estão postas. Há várias maneiras deste ocultamento ocorrer: pela forma como o valor é criado e distribuído – a forma do trabalho abstrato; pela natureza do trabalho na forma social burguesa – concebido não mais como atividade vital, mas apenas como produtora de valor; e pela relação entre dinheiro e poder – relação que envolve conceitos de propriedade privada, poder social e privado e, também, a natureza do dinheiro como mercadoria e, que, por isso, pode se tornar propriedade privada de cada pessoa.

A fim de ilustrar o que expusemos acerca da “fetichização”, especificamente sobre o fetiche da mercadoria no pensamento de Marx, acompanharemos o leitor a um

95 DUBOC, Jéssica Ribeiro e DURIGUETTO, Maria Lúcia. **As categorias da alienação e do fetichismo na teoria social marxiana**. Espaço temático: Conflitos Sociais, Ideologia, Cultura e Serviço Social. Rev. Katálisis 22 (02), 2019. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1982-02592019v22n2p273>. Consultado em 06.11.2023.

supermercado: quando pagamos no caixa pela mercadoria que adquirimos, não enxergamos as relações que a produziram. Não vemos relação de qualquer tipo, pois ali estamos relacionando não com pessoas, mas com a mercadoria e com o dinheiro, estamos relacionando com coisas. Assim, nossa percepção não alcança o que está por trás, o que está sendo expresso pela mercadoria e pelo dinheiro que, circulando autonomamente, medeia e expressa as relações sociais.⁹⁶ Tudo isso pode ser visto como uma maneira de mistificação, pois oculta o processo pelo qual o valor é realmente criado, o processo do trabalho (assalariado).

Do exposto cabe uma observação final: tanto a fetichização quanto a reificação das categorias econômicas da forma social burguesa, ambas, estão inseridas no processo de alienação e dele derivam.

Feita essa breve explanação, voltamos à lógica utilizada por Marx para decifrar as formas mistificadas/fetichizada/misteriosas do capital, segundo Roman Rosdolsky. Na economia burguesa, marcada desde a origem pela relação capital-trabalho, o indivíduo (sujeito) é subsumido pelas categorias econômicas (objeto/predicado). Grosso modo, na forma social capitalista, cada vez mais, as relações sociais de produção se descolam dos próprios homens assumindo a forma de mercadoria. Tudo é mercadoria. Tudo é convertido em *coisa*, em *dinheiro*.

Por certo, de acordo com Rosdolsky, a tarefa marxiana só pôde ser cumprida porque houve um minucioso trabalho preparatório por parte dos economistas clássicos,

Folheto nº 13 – Parte VI: Conclusão. Capítulo 29 A reificação das categorias econômicas e a “verdadeira concepção do processo social de produção”
Brasília-DF, 30.11.2023

sobretudo David Ricardo⁹⁷. Inclusive, como afirma o nosso autor ucraniano, “Marx foi o primeiro a reconhecer isso”, apesar de fazer críticas a determinados pontos levantados por eles, principalmente por Ricardo.⁹⁸ Mas certamente um desses pontos não é o relativo à ideia ricardiana de riqueza. Em David Ricardo, “O que não resulta da atividade humana, o que não demanda trabalho, é natureza e, como tal, não é riqueza social”.⁹⁹

Dirigindo sua tarefa ao que chama de “trindade econômica” – capital/lucro, terra/renda da terra e trabalho/salário –, o filósofo alemão vê nela a culminação da

96 GODOI, Ana. **O dinheiro no centro das relações sociais do capitalismo**. Liga Internacional dos Trabalhadores - Quarta Internacional. Disponível em <https://litci.org/pt/2022/12/21/o-dinheiro-no-centro-das-relacoes-sociais-do-capitalismo/>. Consultado em 03.11.2023.

97 Sobre o também importante representante da Escola Econômica Clássica Britânica, David Ricardo (1772-1823), veja https://pt.wikipedia.org/wiki/David_Ricardo (Consultado em 03.11.2023).

98 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 363 (Trecho extraído por Roman do Livro IV d’ *O capital* (Idem, p. 590 Nota 3)). Para efeito deste texto, embora Rosdolsky esmiúce um pouco mais a “herança” dos clássicos e as críticas pontuais de Marx, mais precisamente em relação a Ricardo, vamos apenas citar os principais legados sem entrar nos detalhes: ênfase no trabalho como atividade humana socialmente determinada; concepção do valor das mercadorias como mero representante do trabalho socialmente determinado; reconhecimento do valor dos objetos como mera expressão, como uma forma especificamente social da atividade produtiva dos homens; a riqueza considerada apenas como atividade do homem” (Idem, p. 363 e 364) (trecho extraído por Roman do Livro IV d’ *O capital* (Idem, p. 590 Nota 3)).

99 Ibidem, p. 364 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

reificação das relações sociais de produção”. É exatamente nesta “trindade” que o modo de produção capitalista reflete a chamada “inversão entre sujeito e objeto”. Com o auxílio da economista neocardiana indiana Krishna Bharadwaj, vemos que, em contraste com a relação **salário-lucro**, adotou-se, não os clássicos (mas aqueles que Marx denominou de “economistas vulgares”), a “fórmula da trindade” como forma e fontes das respectivas receitas. “A terra era vista como fonte de renda e o capital de lucros, assim como o trabalho é de salário, sendo considerado que os agentes são todos pagos de acordo com a produtividade. Assim, tanto a terra quanto o capital são uma fonte de valor e de excedente como o trabalho. Assim, ‘temos uma mistificação completa do modo capitalista da produção, a conversão das relações sociais em relações entre as coisas’; para Marx, o direito ao excedente na forma de rendas e lucros, originários das relações de propriedade, é aqui confundido com a criação de excedente pelos próprios meios materiais. Além disso, ao atribuir um papel simétrico e status à trindade, ao prever suas receitas conforme determinado pelo mesmo processo de competição, e independentes uns dos outros, uma visão harmoniosa foi construída pela economia vulgar. Essa visão, explicando as receitas distributivas em ‘linguagem doutrinária’ ajudou a teoria a se adequar às percepções burguesas: os salários apareciam como o retorno competitivo do trabalho e, analogamente, os lucros como recompensa pela abstinência. A ascensão em receitas distributivas de qualquer classe, refletindo sua maior produtividade e contribuição, não poderia interferir em receitas alheias que fossem determinadas iguais, mas independentes”. Contudo, a realidade está escondida atrás dessas aparências, as quais “assumem formas e emergem como conceitos esotéricos e categorias de análise pertencentes à esfera de troca onde ‘Liberdade, Igualdade e Propriedade [...] reinam supremos; a troca aparece como entre ‘equivalentes’ [capital

Folheto nº 13 – Parte VI: Conclusão. Capítulo 29 A reificação das categorias econômicas e a “verdadeira concepção do processo social de produção”
Brasília-DF, 30.11.2023

produz lucro, terra gera renda da terra e trabalho cria salário, digo eu], regidos inteiramente pela concorrência no mercado”. Neste cenário, “[...] as relações sociais assumem formas fetichistas na ‘falsa consciência’, formando percepções subjetivistas dos agentes participante da produção”. Karl Marx desmascara essa compreensão, a partir dos clássicos, ao descobrir a **fonte do excedente na produção como sendo a exploração da mercadoria força de trabalho e ao identificar o papel do trabalho como uma causa de valor e a fonte de mais-valia** (e, portanto, do lucro).¹⁰⁰

Como bem afirma Roman Rosdolsky, sempre lastreado em Marx, as categorias da economia capitalista são categorias reificadas, “que o modo invertido como as relações sociais se apresentam na produção capitalista [que o fato das relações entre o

100 BHARADWAJ, K. (1990). **Economia vulgar**. In: Eatwell, J., Milgate, M., Newman, P. (orgs) *Marxian Economics*. O Novo Palgrave. Palgrave Macmillan, Londres. Disponível em https://doi.org/10.1007/978-1-349-20572-1_59. Consultado em 06.11.2023. Uma abordagem mais completa sobre a forma trinitária clássica dos fatores de produção capital, terra e trabalho, e a apreciação crítica de Marx sobre ela, expusemos no Folheto nº 02, Capítulo 2, mais precisamente no item “[A estrutura primitiva ou plano original ou, ainda, plano primitivo \(1857\)](#)”.

sujeito (pessoas) e as coisas (mercadorias em geral) serem determinadas por estas últimas, digo eu] surge necessariamente da natureza dessa mesma produção”,¹⁰¹ que nada mais é que “uma coleção de mercadorias”, como se vê expresso no primeiro parágrafo do Capítulo 1 (“A mercadoria”) da Seção I (“Mercadoria e dinheiro”) do Livro I de *O capital*.¹⁰²

Na sequência, o autor de *Gênese* descreve a progressiva reificação das categorias econômicas, desde as categorias mais simples, a mercadoria e o dinheiro, até as relações sociais de produção. Inclusive, segundo afirma, todas as formas de sociedade, na medida em que são conduzidas à produção mercantil e à circulação monetária, que atinge o auge na sociedade capitalista, de certa forma apresentaram em algumas situações uma “mistificação econômica”.¹⁰³ No Livro III, Marx escreveu sobre o assunto pontuando que o processo de fetichização nos estágios pré-capitalistas só ocorria, principalmente, em relação ao dinheiro e ao capital que rende juros (empréstimos). Contudo, exclui a presença do fenômeno nas formas sociais onde prevalecia “a produção para o valor de uso, voltada para satisfazer diretamente as próprias necessidades, e também na Antiguidade e na Idade Média, onde a escravidão ou a servidão formam a ampla base da produção social [nestes dois casos, as relações de dominação e servidão, ‘motivos diretos da produção’, aparecem e são visíveis, digo eu com base em Marx]”.¹⁰⁴

No modo de produção capitalista o processo de reificação “vai muito mais longe”, diz Marx. Não fica restrito ao “capital no processo direto da produção como extrator de mais-trabalho [trabalho não pago, digo eu] [...]”. Inclusive,

Folheto nº 13 – Parte VI: Conclusão. Capítulo 29 A reificação das categorias econômicas e a “verdadeira concepção do processo social de produção”
Brasília-DF, 30.11.2023

no estado embrionário do capitalismo, esse processo até era ainda muito simples, haja vista a imposição por parte do capitalista do aumento da carga horária de trabalho, fato “incisivamente provado pela violenta luta que se trava em torno dos limites da jornada de trabalho”.¹⁰⁵

A dificuldade maior, Marx ensina, “está em compreender como essa apropriação do trabalho sem equivalente [o mais-trabalho, pois se trata de trabalho não pago, digo eu] surge da lei de intercâmbio de mercadorias – que diz que as mercadorias se trocam com base no tempo de trabalho nelas contido –, como, em primeira instância, não contradiz essa lei”.¹⁰⁶ Explicando: vimos em folheto anterior que na relação capital-trabalho, a força de trabalho é uma mercadoria que deveria ser trocada por um equivalente que correspondesse ao tempo de trabalho abstrato socialmente necessário contido em sua

101 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 364.

102 MARX, Karl Heinrich. **O capital: crítica da economia política. Livro I – O processo de produção do capital.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2ª. Edição, 2017, p. 113.

103 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 365 e 590 Nota 9.

104 Idem, p. 590 Nota 9.

105 Ibidem, p. 365 (Trecho extraído por Roman do Livro III d’*O capital* (Ibidem, p. 590 Nota 10)).

106 Ibidem, p. 365 (Trecho extraído por Roman do Livro IV (Ibidem, p. 590 Nota 11)). Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte (Trecho também extraído do Livro III (Ibidem, p. 590 Nota 13)).

totalidade na mercadoria final produzida. Ocorre que a força de trabalho não é remunerada na sua integralidade, pois dividida em trabalho necessário (o trabalho para aquisição de meios de vida) e mais-trabalho (o trabalho produtor de mais-valia), isto é, em trabalho pago e não pago, respectivamente, onde o mais-trabalho é condição necessária para o trabalho necessário. Nesse sentido, no que se refere à mercadoria força de trabalho, a lei de intercâmbio de mercadoria é aplicada apenas parcialmente, uma vez que a mercadoria final produzida é trocada sem que a força de trabalho total seja trocada pelo equivalente ao tempo de trabalho abstrato socialmente necessário correspondente à parcela de mais-trabalho contida naquela mercadoria final produzida.

Ademais, migrando para o processo de circulação também encontramos uma aparência mistificadora do capital. Em relação à mais-valia, sabemos também que o capital a extrai “no processo imediato de produção e está representada em mercadorias”. Todavia, “o valor e a mais-valia contidos na mercadoria [final produzida, digo eu] só podem realizar-se [transformar-se em dinheiro, digo eu novamente] na circulação”. Em sendo assim, tanto a recuperação dos valores originais adiantados pelo capitalista para o início do processo produtivo como, principalmente, a mais-valia contida nas mercadorias “parecem surgir da circulação, e não só realizar-se nela”. Por que essa aparência sobressai à realidade? Primeiro, aponta o nosso filósofo alemão, “obtem-se o lucro com a venda, que depende do trabalho, da astúcia, da perícia, da habilidade e de mil circunstâncias de mercado; além disso, ao tempo de trabalho acrescenta um segundo elemento determinante: o tempo de circulação [o tempo que perdura até que a mercadoria seja vendida e transformada em dinheiro, digo eu]. Por isso, se tem a forte impressão de que o lucro surge da venda do produto, é criado no mercado, e submetido à lei da oferta e da procura.

Uma forma mais elevada de reificação, prossegue o autor d’*O capital*,

Folheto nº 13 – Parte VI: Conclusão. Capítulo 29 A reificação das categorias econômicas e a “verdadeira concepção do processo social de produção”
Brasília-DF, 30.11.2023

“aparece no capital acabado [o capital em concorrência, capital concreto e real, digo eu], visto como uma totalidade, como a unidade dos processos de circulação e de produção”, que diz respeito ao capital global (à pluralidade de capitais), com seus desdobramentos, novas configurações e complexidades. Considerando o capital acabado ou global, a mais-valia, na forma de lucro, que era atribuída à parte do capital desembolsada com o trabalho no processo de produção (de onde efetivamente surge), quando Marx situava sua investigação no quadro do “capital em geral”, passa a ser atribuída ao capital global. A taxa de lucro passa também a se regular por leis próprias, e não mais pela proporção entre o valor da massa da mais-valia e o valor do capital total ou original adiantado no processo de produção. Na esfera do capital global, o lucro é transformado em lucro médio e os valores em preços de produção e por aí vai. “Tudo isso”, sentencia Karl Marx, “obscurece cada vez mais a natureza da mais-valia e, portanto, o mecanismo que move o capital”.¹⁰⁷

107 Ibidem, p. 366.

Este último trecho, descrito em *Gênese*, da façanha marxiana de decifrar “passo a passo” as formas mistificadas/fetichizadas/misteriosas do capital, em busca do seu “verdadeiro conteúdo”,¹⁰⁸ faz parte da temática específica do Livro III. Muito embora Roman Rosdolsky, nas páginas finais do capítulo vinte e nove, continue tratando dessas formas no âmbito do capital global, entendemos que o exposto até aqui é suficiente para a fase presente da nossa “carava literária” rumo aos quatro livros da obra definitiva de Marx.

Dito isso, podemos sintetizar o conteúdo do capítulo em comentário com um enxerto textual de Engels, reproduzido por Rosdolsky, que demonstra o resultado fundamental da crítica da economia política capitalista feita por Karl Marx: “a demonstração de que a economia não trata ‘de objetos, mas sim de relações entre pessoas e, em última instância, entre classes’; mas que essas relações ‘sempre estão ligadas a objetos e aparecem como objetos’. Ao decifrar o caráter místico e reificado das categorias econômicas da forma social capitalista, Karl Marx, “no lugar das categorias reificadas da economia burguesa”, pôde efetivamente desenvolver “uma ‘concepção verdadeira do processo social de produção’”.¹⁰⁹

Só Marx, arremata Rosdolsky, “conseguiu superar sem reservas o pensamento fetichista da economia burguesa; a ele devemos a prova de que, quanto mais se desenvolve o modo de produção capitalista, mais as relações sociais de produção se alienam dos próprios homens, confrontando-os como potências que os dominam”.¹¹⁰

CONCLUSÃO DO ARTICULISTA

Após uma longa e extraordinária jornada de aprendizado “guiada” pelo grande pensador marxista ucraniano Roman Rosdolsky, por meio da sua majestosa obra, *Gênese e estrutura de “O capital” de Karl Marx*, encerramos o que denominamos, por analogia, de estágio preparatório e de “aclimatação” da **Expedição Karl Marx**. Uma vez municiados do ferramental teórico e metodológico adequado, cremos estarmos prontos para efetivamente percorrer a “trilha” autoral marxiana propriamente dita da crítica do modo de produção capitalista e, por conseguinte, da sociedade burguesa, a caminho do destino final, o estudo dos quatro livros da obra *O capital: Crítica da economia política*, de Karl

108 Ibidem, p. 363. Acerca do aspecto metodológico da investigação marxiana do capital, que contempla a escolha por começar a crítica da economia política capitalista com o “capital em geral”, até chegar à “pluralidade de capitais”, reveja o [Capítulo 2](#) do Folheto nº 02.

109 Ibidem, p. 367 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

110 Ibidem, p. 364. Nada mais icônico para comprovar o que afirma Rosdolsky do que o fenômeno das relações sociais no âmbito do capitalismo do século XXI, as quais são intermediadas cada vez mais por algoritmos construídos por “inteligência artificial”.

Heindrich Marx, um dos maiores filósofos do século XIX e, certamente, o maior teórico da crítica da economia política capitalista de todos os tempos.

Pelo que tivemos acesso na pesquisa que antecedeu a este Artigo Expositivo I, Roman Rosdolsky teve uma vida bastante difícil. Nasceu no ano de 1898 em Lemberg, na Galícia, que à época fazia parte do Império Austro-Húngaro, cidade hoje conhecida como Lviv (na Ucrânia). Sua trajetória política começou com a militância no movimento da juventude socialista da Galícia durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Após a Revolução Russa de 1917, colaborou com o Instituto Marx-Engels de Moscou, instituição responsável por reunir as obras completas dos dois filósofos alemães. Nos anos 30 rompeu com o stalinismo, retornando à sua cidade natal em 1938 para fugir da perseguição dos próprios stalinistas. Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi capturado pela Gestapo, preso e deportado para campos de concentração nazistas. Em 1947, com o final da Guerra, conseguiu emigrar para os Estados Unidos. Em terras norte-americanas também não teve muita sorte, ao contrário de vários professores e pesquisadores que para lá emigraram e encontraram as universidades americanas de portas abertas. Ao contrário destes, Roman foi mais uma vez perseguido, desta feita pelo macartismo (movimento anticomunista americano), não conseguindo colocação profissional nas academias de ensino. Apesar de todas as dificuldades, dedicou os últimos 20 anos da sua vida, durante exílio nos EUA, a escrever uma obra fundamental.

Em seu livro, cujo título em português, de acordo com o professor Carlos Nelson Coutinho, deveria ser, “para ficar mais próximo do título original em alemão”, algo que se poderia traduzir como “Para uma história evolutiva da gênese de *O capital*”, Roman Rosdolsky apresentou seu comentário dos primeiros escritos marxianos da crítica da economia política – na verdade, os primeiros manuscritos (rascunhos) propriamente econômicos de Marx relativos à sua investigação científica do capitalismo, os manuscritos de 1857/1858, *Grundrisse* (“Elementos (Esboços) fundamentais para a crítica da economia política”), reconhecidos como o “laboratório econômico” de Marx e a versão inicial de *O capital*.

Folheto nº 13 – Parte VI: Conclusão. Capítulo 29 A reificação das categorias econômicas e a “verdadeira concepção do processo social de produção”
Brasília-DF, 30.11.2023

Como se não bastasse nos levar até o “laboratório intelectual” de Marx ao comentar os *Grundrisse*, Rosdolsky realizou um estudo comparativo entre os pontos de vistas ali esboçados e os expostos nas obras anteriores e posteriores, sobretudo em *O capital*, incluindo aspectos não apresentados nos referidos manuscritos de 57/58, pelo menos com alguma profundidade, porém presentes nas obras vindouras. Além de tudo, também nos legou ensaios críticos acerca do ponto de vista de estudiosos e economistas marxistas e não marxistas sobre temas e análises expostos na obra definitiva marxiana, procurando mostrar os resultados teóricos do seu estudo¹¹¹.

111 Um desses ensaios, o relativo ao capítulo 30 (“A polêmica em torno dos esquemas de reprodução de Marx”), para efeito didático, incluímos no presente Artigo Expositivo I como apêndice do Folheto nº 10 (“Parte IV – A seção sobre o processo de circulação [do capital], Capítulo 21. Do processo de produção ao processo de circulação do

O nosso autor ucraniano, em sua empreitada, se propôs ao desafio de ler, estudar, compreender e reproduzir o que Marx efetivamente disse nos manuscritos *Grundrisse* e, talvez, o principal, de mostrar algumas descobertas teóricas e metodológicas ali contidas, com destaque para a concepção e estrutura dialéticas da obra marxiana, o que confirma a importante influência do filósofo idealista alemão Georg. W. Hegel sobre o pensamento de Marx.¹¹²

Em *Gênese e estrutura de “O capital”* conhecemos como nasceram os *Grundrisse*, momento em que o autor apresenta um panorama da trajetória intelectual de Karl Marx, de 1844 com os *Manuscritos Econômico-Filosóficos* até os manuscritos de 1857/1858, e como os escritos desse período se articulam com *O capital*. Em seguida, descreve e analisa os planos estruturais que forjaram a obra definitiva de Marx, a começar pelo plano original de 1857, ao qual os *Grundrisse* correspondem. Na sequência, vimos a marcha do nascimento dos principais processos econômicos e das principais categorias da crítica marxiana da economia política capitalista, bem assim alguns problemas que lhes dizem respeito, tais quais: **a) a mercadoria e suas três dimensões** (valor de uso (utilidade/necessidade/satisfação), valor (tempo de trabalho abstrato socialmente necessário) e valor de troca (operador quantitativo do valor)); **b) o trabalho e suas derivações** (trabalho concreto (trabalho que cria valor de uso) e trabalho abstrato (trabalho humano geral que cria valor), entre outros tipos); **c) o dinheiro** (equivalente geral) **e suas funções** (medida do valor, meio de circulação e dinheiro como dinheiro); **d) a transição do valor ao dinheiro**; **e) o processo de produção do capital** (ciclo de criação do capital, passando pela primeira etapa da reprodução, e também de valorização (criação e extração de mais-valia)); **f) as leis e categorias principais do ciclo de produção do capital** (lei do valor (lei da subordinação crescente do trabalhador ao capital – a base das leis gerais do modo capitalista de produção)); capital (valor que cria valor,

Folheto nº 13 – Parte VI: Conclusão. Capítulo 29 A reificação das categorias econômicas e a “verdadeira concepção do processo social de produção”
Brasília-DF, 30.11.2023

que se amplia, que reproduz a si mesmo e se autovaloriza); formas do capital (capital-dinheiro, capital produtivo e capital-mercadoria); tipos de capital (capital constante e não constante, capital variável e fixo); relação capital/trabalho (capital/trabalho necessário (trabalho pago) e mais-trabalho (trabalho não pago)); mais-valia (forma de lucro do capitalista); pressupostos da mais-valia (trabalho assalariado (trabalho necessário), trabalho excedente (mais-trabalho absoluto e relativo) e mais-produto; tendências civilizatórias e expansionistas do capital; acumulação primitiva de capital (mercadoria força de trabalho e propriedade privada dos meios de produção); acumulação específica do capital (valorização ilimitada do capital); **f) o processo de circulação do capital** (ciclo

capital. Anotações sobre o problema da realização e o primeiro esquema da reprodução”, onde a matéria do ensaio foi tratada centralmente por Rosdolsky. Os demais ensaios críticos que compõem a Parte VII de *Gênese* serão abordados no próximo e último fascículo, como apêndice deste Folheto nº 13.

112 BENOIT, Hector. **Resenha de “Gênese e estrutura de O Capital de Karl Marx”**. Revista de Outubro nº 7. Disponível em <http://longoestudo.blogspot.com/2012/09/resenha-de-genese-e-estrutura-de-o.html>. Consultado em 08.11.2023.

de completude da reprodução do capital e de realização do capital reproduzido e valorizado (mais-valia)); **g) o processo de rotação do capital** (novo ciclo de produção, reprodução, valorização, circulação, realização e de cumulação específica do capital); **h) as contradições intrínsecas do capital** (valorização ilimitada do capital, exploração do trabalho para produzir mais-valia (lucro), descasamento entre produção e consumo e desigual distribuição da riqueza etc.); **i) as crises imanentes do capital** (crises de realização e de superprodução); **j) capital produtivo, lucro e juros** (transformação da mais valia em lucro, taxa geral de lucro e sua queda tendencial, capital que rende juros e o sistema de crédito).

Na parte conclusiva do seu trabalho defrontarmos com algumas digressões de Rosdolsky contemplando reflexões de Karl Marx sobre o limite histórico da lei do valor, ou seja, se a lei do valor tem vigência no socialismo de transição, bem como as observações acerca da ordem social socialista, além da construção marxiana da reificação/fetichização das categorias econômicas e das relações sociais na forma social burguesa, este último um tema caro ao nosso filósofo alemão.

No que se refere ao limite histórico da lei do valor, ou “lei da subordinação crescente do trabalhador ao capital”, ou, ainda, “lei valor-capital”, a lei base das leis gerais da economia capitalista, Karl Marx o associa com a transição ao socialismo, com a dissolução do modo de produção e da forma de sociedade baseada no valor. Tendo como alvo a investigação dos fatores internos que prenunciavam a superação da forma social capitalista, o centro da atenção de Marx foi o limite histórico da lei do valor, ou, mais especificamente, a “interrogação sobre as vicissitudes da lei do valor”. Nessa direção, o filósofo alemão relaciona a problemática da lei do valor com o desenvolvimento da individualidade humana no capitalismo e com o papel da maquinaria como condição material para a sociedade socialista, propugnando, ao fim e ao cabo, pela extinção da lei do valor no socialismo.

Quanto às observações de Marx sobre o socialismo, e também sobre o comunismo, é de se chamar a atenção do leitor para um equívoco produzido pelo, ou para o senso comum, propositadamente ou não, sobre o objeto da investigação que Karl Marx realizou por quase toda a sua vida. Marx, definitivamente, não idealizou uma forma social

Folheto nº 13 – Parte VI: Conclusão. Capítulo 29 A reificação das categorias econômicas e a “verdadeira concepção do processo social de produção”
Brasília-DF, 30.11.2023

socialista, e, tampouco, comunista, visto que incompatível com sua (e também de Engels) concepção materialista dialética da história. A tarefa de idealizar uma “sociedade socialista e perfeita” que superaria a forma social burguesa, coube aos denominados, por ele e Engels, socialistas “utópicos”, aos quais criticaram veemente. Em verdade, o nosso filósofo alemão edificou uma consistente teoria crítica científica da economia política capitalista, que culminou na sua obra maior *O capital*, uma genuína teoria social, estudando, concomitantemente, a possibilidade de formas sociais superadoras das contradições inerentes à sociedade burguesa. Esse aspecto é fundamental para a

compreensão do Marx revolucionário. Insistimos neste ponto. O autor d'*O capital* estudou a possibilidade de eclosão de uma revolução socialista/comunista sob a perspectiva das contradições do próprio capitalismo. Estudou, *pari passu* à investigação das leis do modo capitalista de produção, a possibilidade de uma revolução que viria resolver as contradições reais da forma social, cuja reforma se mostra impossível, no dizer do nosso revolucionário alemão, visto que as contradições a serem superadas pertencem à própria natureza do capitalismo. Para Marx, uma nova forma social surge sempre das entranhas das condições atuais da própria forma social vigente e não, palavras nossas, de estalos de inteligência suprema, ou até de magia. Por isso Karl Marx não é o teórico do socialismo ou comunismo, este último considerado por ele o estágio superior do socialismo e da organização política, econômica e social da humanidade.

Em Marx, a individualidade humana no capitalismo, a suposta independência pessoal propalada, não é pressuposto de uma individualidade plena que resultaria na liberdade plena do indivíduo, como festejam e querem fazer crer os apologéticos da sociedade burguesa. Na realidade, o que se vê é uma independência pessoal construída sob uma base de dependência em relação às coisas. Por isso se tem a impressão que os indivíduos sob o capitalismo parecem livres, parecem independentes, para se defrontar uns com os outros e realizar trocas em liberdade. Ledo engano. No capitalismo, embora se reconheça como um avanço nas relações sociais de produção face às formas pré-capitalistas, os indivíduos estão submetidos a uma nova sujeição, ao domínio reificado (coisificado) das relações de produção que escapa a qualquer controle. Somente em tese, na sociedade burguesa, o indivíduo é livre e pode se quiser, independente do seu caráter pessoal, participar ou não dos vínculos sociais forjados por relações externas (ou de mercado). Na forma social capitalista quem é livre é o capital e não o indivíduo.

No que se refere à digressão que Roman Rosdolsky nos oferece acerca do fenômeno da reificação/fetichização das categorias econômicas e das relações sociais no capitalismo, derivada do que Marx chama de “autoalienação humana”, ao decifrar o caráter místico e reificado das categorias econômicas e das relações sociais da forma social capitalista Karl Marx pôde desenvolver, no lugar das categorias reificadas, uma concepção verdadeira do processo social de produção, demonstrando que a economia não trata de objetos, mas sim de relações entre pessoas e, em última instância, entre classes;

Folheto nº 13 – Parte VI: Conclusão. Capítulo 29 A reificação das categorias econômicas e a “verdadeira concepção do processo social de produção”
Brasília-DF, 30.11.2023

mas que essas relações sempre estão ligadas a objetos e aparecem como objetos. Anselm Jappe vê bem quando afirma que Rosdolsky compreende que o fetichismo da mercadoria, por exemplo, não é fenômeno restrito à consciência, mas é também um fenômeno real. Ampliando seu raciocínio para a realidade capitalista, conclui Jappe, Roman não enxerga nas contradições aparentes simples mistificações, mas expressão das contradições reais.¹¹³

113 JAPPE, Anselm. **Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx (comentário sobre o livro de Roman Rosdolsky)**. Disponível em <https://aterraeredonda.com.br/genese-e-estrutura-de-o-capital-de-karl-marx/>. Consultado em 10.11.2023.

Dito isso, com a finalização do Artigo Expositivo I, desejamos fortemente que o leitor tenha obtido os conhecimentos necessários para, já de imediato, despir de eventuais ideias e concepções preconcebidas, favoráveis ou não, como diz o geógrafo marxista britânico David Harvey, acerca do pensamento de Karl Marx que, aliás, só começamos a conhecer, e que também esteja municiado do ferramental teórico adequado para avançarmos juntos na caminhada rumo à crítica marxiana exposta nos quatro livros d'*O capital*, marco de chegada da **Expedição Karl Marx**.¹¹⁴

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA URSS – INSTITUTO DE ECONOMIA. **Manual de Economia Política**. Rio de Janeiro-RJ: Editorial Vitória Ltda, 1961. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/ostrovitianov/1959/manual/>.

ACOSTA, Emerson Trindade e RUPPENTHAL, Melani. **Uberização do trabalho**. Porto Alegre- RS: Jornal da Universidade (UFRGS), Edição 225, 2019. Disponível em <https://www.ufrgs.br/jornal/uberizacao-do-trabalho/>.

114 Sobre o “itinerário” da **Expedição**, consulte a página [Roteiro da Expedição](#), do Blog.

ALBUQUERQUE, Eduardo da Motta e. **Darimon, bancos e crédito: Notas sobre os Grundrisse e a transição para o socialismo.** Belo Horizonte-MG: Texto para discussão nº 353. Cedeplar/UFMG. 2009. Disponível em <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20353.pdf>.

ALVES, Álvaro Marcel. **O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade.** Revista de Psicologia da UNESP 9(1), 2010. Disponível em <https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/download/422/400>.

ALVES, Giovanni. **A condição de proletariado na modernidade salarial – Por uma análise existencial do proletariado.** São Paulo-SP: Revista Pegada – vol. 9 n.2 1, 2008. Disponível em <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/1672>.

ANDRADE, Patrick Rodrigues. **A “lei do valor” e o projeto socialista.** Campinas-SP: Unicamp. Cemax. Disponível em https://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt7/sessao1/Patrick_Andrade.pdf.

ANTUNES, Jadir. **A dialética do valor em O capital de Karl Marx.** Disponível em <https://www.fevistaseletronicas.pucrs.br/2fojs/2Findex.php/2Fintuitio/2Farticle/2Fdownload/2F9664/2F8478/2F&usg=AOvVaw051UXferYxYQBfqZb->.

ANTUNES, Ricardo. **200 anos de Engels – A constituição do proletariado e sua práxis revolucionária**(vídeo). TV Boitempo Editora – Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://youtu.be/YyJBHqnxRM0>.

ARCARY, Valério. **Seria o marxismo um cientificismo economicista? Anotações sobre a hipótese da inversão das causalidades.** Edição v. 8, nº1, 2004. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/38029>.

ARRUDA, Marcos. **Nota sobre a polêmica em torno da democracia e da ditadura do proletariado.** Disponível em <https://www.tni.org/es/art%C3%ADculo/nota-sobre-a-polemica-em-torno-da-democracia-e-da-ditadura-do-proletariado>.

AUGUSTO, André Guimarães. **Marx e as “robinsonadas” da Economia Política.** Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/neco/v26n1/1980-5381-neco-26-01-00301.pdf.a>

BAKALARCZYK, Charles. **Existo, logo penso! (ou se Marx foi um filósofo).** Disponível em <https://charlesbaka.blog/2020/04/16/existo-logo-penso-ou-se-marx-foi-um-filosofo/>.

BARROS, Cesar Mangolin de. **O conceito de modo de produção.** Disponível em https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/934137/mod_resource/content/1/elementos%20b%C3%A1sicos0_MODO_DE_PRODU%C3%87%C3%83O.pdf.

BARSOTTI, Paulo. **Dossiê artigos do jornalista Karl Marx sobre a crise de 1857-1858.** Disponível em <http://www4.pucsp.br/neils/downloads/10-barsotti.pdf>.

BATISTA, Paulo Cabaça. **O Socialismo de Pierre-Joseph Proudhon e a sua influência em Oliveira Martins e Antero de Quental.** Disponível em <https://cabacabaptista.blogspot.com/2012/12/o-socialismo-de-pierre-joseph-proudhon.html>.

BEER, Marx. **História do Socialismo e das Lutas Sociais Quarta Parte: As Lutas Sociais na Época Contemporânea. Capítulo X – A segunda Internacional (1889-1914).** Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/beer/ano/historia/p4cap10.htm>.

BELLUZZO, Luiz Gonzaga. **A escassez na abundância capitalista** (videopalestra). Campinas-SP: Instituto de Economia da Unicamp. 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/embed/7JKKYhCx8?start=191>.

BELTRAME, Matheus Maria. **Sobre o conceito de emancipação humana em Karl Marx.** Problemata: R. Intern. Fil., V. 10 n. 1, 2019. Disponível em <file:///C:/Users/ruied/Downloads/Dialnet-SobreOConceitoDeEmancipacaoHumanaEmKarlMarx-7024004.pdf>.

BENOIT, Hector. **Resenha de “Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx”.** Revista Outubro nº 07. Disponível em <http://longoestudo.blogspot.com/2012/09/resenha-de-genese-e-estrutura-de-o.html>.

BEZERRA, Juliana. **Marxismo.** Disponível em <https://www.todamateria.com.br/marxismo/>.

_____. **Fases do Capitalismo.** Disponível em <https://www.todamateria.com.br/fases-do-capitalismo/>.

BHARADWAJ, K. (1990). **Economia vulgar.** In: Eatwell, J., Milgate, M., Newman, P. (orgs) Marxian Economics. O Novo Palgrave. Palgrave Macmillan, Londres. Disponível em https://doi.org/10.1007/978-1-349-20572-1_59.

BIANCHI, Álvaro. **Uma teoria marxista do político? O debate Bobbio "Trent'Anni Doppo.** Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ln/n70/a04n70.pdf>.

BUONICORE, Augusto César. **Assalariados urbanos: proletariado ou nova classe média?** São Paulo-SP: Revista Princípio, Edição 54, 2002. Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/64/cat/1273/assalariados-urbanos-proletariado-ou-nova-classe-média-.html>.

CABRAL, João Francisco Pereira. **Capital, Trabalho e Alienação, segundo Karl Marx.** Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescuela.uol.com.br/filosofia/capital-trabalho-alienacao-segundo-karl-marx.htm>.

_____. **Sobre o Estado - Filosofia do Direito de Hegel.** Brasil Escola. Disponível em <https://brasilescuela.uol.com.br/filosofia/sobre-estado-filosofia-direito-hegel.htm>.

CANAL TV BOITEMPO. **Uma biografia marxista de Marx** (entrevista com o professor marxista José Paulo Netto). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZreLdC4hkLI>.

CANON, Ramsin. **O que significa ser marxista hoje?** Revista Jacobin Brasil, 2019. Disponível em <https://jacobin.com.br/2019/10/o-que-significa-ser-marxista-hoje/>.

CARCANHOLO, Marcelo Dias. **A importância da categoria valor de uso na teoria de Marx.** Disponível em <https://revistas.pucsp.br/rpe/article/view%20File/11757/8478>.

CARCANHOLO, Reinaldo A. **Sobre Gênese e estrutura de "O capital" de Karl Marx, de Roman Rosdolsky.** Disponível em <https://pt.calameo.com/read/00014074925811e4f526d>.

CARVALHO, Edmilson. **A totalidade como categoria central da dialética marxista.** Revista Outubro, nº 15, 2007, disponível em <http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%CC%A7a%CC%83o-15-Artigo-06.pdf>.

CASTRO, Ramon Peña de. **Trabalho abstrato e trabalho concreto.** Disponível em <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/traabstracon.html>.

CAVALCANTI, Camila Dias; RIVEROS, Jorge Luis Triana e GOMES JR., Newton Narciso. **Estado capitalista, sociabilidade capitalista: o impasse da luta por direitos humanos no Brasil.** Palmas-TO: Revista Humanidades e Inovação v.7, nº 17, 2020, p. 517 e 519. Disponível em <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3846>.

CERQUEIRA, Hugo Eduardo da Gama. **David Riazanov e a Edição das Obras de Marx e Engels.** Disponível em http://www.anpec.org.br/revista/vol11/vol11n1p199_215.pdf.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio e NEDER, Gizlene. **Resenha da obra de Karl Marx "A burguesia e a contrarrevolução".** Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/3373/337349577010.pdf>.

CHAGAS, F. Eduardo. **O indivíduo na teoria de Marx.** Revista Dialectus. Ano I, nº 2, 2013, p. 9 e 12. Disponível em <http://periodicos.ufc.br/dialectus/issue/view/356/326>.

CIPOLLA, Francisco Paulo. **A evolução da teoria da crise de superprodução na obra econômica de Marx.** Campinas-SP: Revista Crítica Marxista, nº 37, 2013, p. 75. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo298Artigo4.pdf.

COGGIOLA, Osvaldo. **Engels, O Segundo Violino.** São Paulo-SP: Editora Xamã, 1995.

_____. **Vida e polêmicas de Rosa Luxemburgo – um roteiro.** Disponível em <https://outraspalavras.net/outrasmidias/vida-e-polemicas-de-rosa-luxemburgo-um-roteiro/>.

COHEN, Gerald A. **Forças produtivas e relações de produção.** Campinas-SP: Crítica Marxista, Unicamp, 2010, p.65. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie46Dossie2.pdf.

CURADO, Adriano. **Capitalismo Industrial – o que é, história, conceitos básicos e características.** Disponível em <https://conhecimentocientifico.r7.com/capitalismo-industrial/>.

DANTAS, Marcos. **Informação e trabalho no capitalismo contemporâneo**. Lua Nova (60), 2003. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0102-64452003000300002>.

DA SILVA, Jefferson Luiz Schafranski. **O conceito de alienação em Ludwig Feuerbach**. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000220150>.

_____. e FELDHAUS, Charles. **O conceito de essência humana a partir da concepção antropológica de Ludwig Feuerbach**. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/330209317_O_CONCEITO_DE_ESSENCIA_HUMANA_A_PARTIR_DA_CONCEPCAO_ANTROPOLOGICA_DE_LUDWIG_FEUERBACH.

DA SILVA, Mauro Sérgio Santos. **Hannah Arendt e o sentido da política no mundo contemporâneo**. Uberlândia-MG: Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Filosofia, 2015, p. 71-74. Disponível em <https://1library.org/article/a-experi%C3%Aancia-greco-romana-a-liberdade-originalmente-pol%C3%ADtica.q5wwnwrq>.

DENVIR, Daniel. **Por que O Capital de Marx ainda importa** (entrevista com David Harvey). Disponível em <https://movimentorevista.com.br/2018/11/por-que-o-capital-de-marx-ainda-importa/>.

DIAS, Luana da Silva e MORAES, Betânia Moreira de. **A individualidade humana na sociabilidade capitalista: um estudo centrado em "O capital"**. Join - Encontro Internacional de Jovens Investigadores. Disponível em <https://www.bing.com/ck/a?!&&p=c406134478c5c37eJmltdHM9MTcwMTEyOTYwMCZpZ3VpZD0wNTFkZWJjZi0xOWY5LTY0ZGI0MjE1NC1mOTE0MTg2ZjY1YzQmaW5zaWQ9NTE0OA&ptn=3&ver=2&hsh=3&fclid=051debcf-19f9-64db-2154-f914186f65c4&psq=sociabilidade+em+marx&u=a1aHR0cHM6Ly9lZGl0b3JhcmVhbGl6ZS5jb20uYnIvZWRpdG9yYS9hbmFpcy9qb2luZlIwMTcvVFJBQkFMSE9fRVYwODFfTUQ0X1NBNzRfSUQzMtVfMTUwOTIwMTcxMzU1NDUucGRm&ntb=1>.

DIEHL, Diego. **Marx além de Hegel – Uma interpretação a partir da Filosofia da Libertação**. Rio de Janeiro – RJ: Rev. Direito Práx., vol.9 no.3, 2018. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2179-89662018000301812&script=sci_abstract&tlng=pt.

DONÁRIO, Arlindo Alegre, e SANTOS, Ricardo Borges dos. **A Teoria de Karl Marx**. Universidade Autónoma de Lisboa. CARS – Centro de Análise Económica de Regulação social. Disponível em <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:wxy7wUNt5F0J:https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/3173/1/MARX.pdf+&cd=24&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-d>.

DOWBOR, Ladislau. **O que é capital**. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B8FTIPd5X-jmOGNhMjhmMmYtMDBhNS00ODNiLTk3MGEtZmE0Y2Y5YWEwNTY1/view?hl=pt_PT.

DUARTE, Newton. **Em foco: A Filosofia da Educação enfrentando a problemática educacional contemporânea**. Universidade Estadual Paulista (Unesp). Educ. Pesqui. 32 (3), 2006. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000300012>.

DUAYER, Mário. **Grundrisse| Aula 6| III Curso Livre Marx-Engels**. Videoaula. TV Boitempo Editorial, Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região e Centro de Pesquisas 28 de Agosto. São Paulo-SP. 2012. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jmrnEoaq70>.

_____. **Marx e a crítica ontológica da sociedade capitalista: crítica à centralidade do trabalho**. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/viewFile/3880/2723>.

DUSSEL, Enrique. **A produção teórica de Marx: Um comentário aos Grundrisse**. São Paulo-SP: Editora Expressão Popular, 2012, p. 67. Disponível em https://enriquedussel.com/txt/Textos_Libros/37.A_Producao_Teorica_Marx.pdf.

ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring. Parte II - Economia Política Capítulo VII - Capital e Mais-Valia**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1877/antiduhring/cap21.htm>.

_____. **Carta para Joseph Bloch**. Disponível em http://www.scientific-socialism.de/Fundamentos_Cartas_Marx_Engels210990.htm#ftnref2.

_____. **Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico.** Disponível em

<https://www.marxists.org/portugues/marx/1880/socialismo/cap03.htm>.

FELDMANN, Daniel. **A crise contemporânea do capitalismo: reflexões a partir de um debate com as abordagens sistêmicas de Arrighi, Fiori e Wallerstein.** Artigos originais. Econ. soc. 28 (2), 2019. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1982-3533.2019v28n2art03>.

FIORI, José Luís. **O capitalismo americano.** Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/O-capitalismo-americano/26661>.

FONTES, Virgínia; COUTINHO, Carlos Nelson e NETTO, José Paulo. **Introdução à leitura dos Grundrisse** (videopalestra). Rio de Janeiro-RJ: Editora UERJ, 2011. Disponível em <https://youtu.be/Xhds6tHvb08?t=2056>.

_____. **200 anos de Engels – A criação do Marxismo** (vídeo).TV Boitempo Editora Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ELW99uIWxvo>.

FRAZÃO, Diva. **Karl Marx, filósofo e revolucionário.** Disponível em https://www.ebiografia.com/karl_marx/.

GENNARI, Adilson Marques. **Duas teorias da população no pensamento clássico: Karl Marx e Thomas Malthus.** Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2009/trabalhos/duas-teorias-da-populacao-no-pensamento-classico-karl-marx.pdf.

GEORGE, Ricardo. **Estado e Sociedade Civil em Hegel.** Disponível em <https://pt.slideshare.net/ricardogeo11/estado-e-sociedade-civil-em-hegel>.

GODOI, Ana. **O dinheiro no centro das relações sociais do capitalismo.** Liga Internacional dos Trabalhadores - Quarta Internacional. Disponível em <https://litci.org/pt/2022/12/21/o-dinheiro-no-centro-das-relacoes-sociais-do-capitalismo/>.

GOIS, Juliana Carla da Silva. **A Gênese da pauperização da classe trabalhadora na sociedade capitalista.** Disponível em https://seminarioservicosocial.paginas.ufsc.br/files/2017/04/Eixo_1_250_3.pdf.

GOMES, Carlos. **Antecedentes do capitalismo.** Disponível em <https://www.eumed.net/libros-gratis/2008a/372/CIRCULACAO%20DE%20CAPITAL.htm>.

GRESPLAN Jorge. **Existe o Livro IV do Capital de Marx? | Jorge Gresplan Explica.** Vídeo. Série: Marx e a crítica do modo de representação capitalista. TV Boitempo. 2020. Disponível em https://youtu.be/s6wIL_I0QVc.

GRESPLAN, Jorge e DUAYER, Mário. **Grundrisse, de Marx.** Videoaula. TV Boitempo Editorial e parceiros. São Paulo-SP, 2016. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=LlcqIOmc_ks&t=6s.

HAMRAOUI, Eric. **Trabalho vivo, subjetividade e cooperação: aspectos filosóficos e institucionais.** Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172014000100006.

HARVEY, David. **Para entender O capital, Livro I.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2013.

_____. **Para entender O capital, Livro II e III.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2014.

_____. **Teoria da Crise e a queda da taxa de lucro.** Geografares, [S. l.], n. 28, 2019. DOI: 10.7147/GEO28.24381, p. 15-19. Disponível em <https://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/24381/16649>.

HEINRICH, Michael. **Capital em geral e a estrutura de O Capital de Marx: novos insights a partir dos Manuscritos Econômicos de 1861-1863.** Site LavraPalavra, 2020. Disponível em <https://www.lavrapalavra.org/2020/02/roman-rosdolsky-a-genealogia-da-estrutura-de-o-capital-de-karl-marx/>.

_____. **Crítica ao filme “O Jovem Karl Marx”.** Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/2018/01/18/verdades-e-mitos-sobre-o-filme-o-jovem-karl-marx-de-raoul-peck/>.

HORTA, Fernando. **VII – O internacionalismo.** Disponível em <https://www.sul21.com.br/revolucao-russa-100-anos/2017/04/vii-o-internacionalismo/>.

HUNT, Tristram. **Comunista de Casaca: a vida revolucionária de F. Engels**. Rio de Janeiro- RJ: Editora Record, 2010.

ILIENKOV, Evald Vasilievich. **A Dialética do Abstrato e do Concreto em O Capital de Karl Marx. Capítulo 1. A Concepção Dialética e Metafísica do Concreto**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/ilyenkov/1960/dialetica/01.htm>.

JABBOUR, Elias. **Ignácio Rangel na China e a “Nova Economia do Projeto”**. Artigos originais. Econ. soc. 30 (2), 2021. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1982-3533.2021v30n2art01>.

_____. **A China e a nova economia do projeto** (vídeo). Instituto de Economia da Unicamp, 2021. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=M46M7iAXlaA&list=PLIJiRcVC1vLWPpfVp7qWhSE606P_dK-7g&index=25.

JAPPE, Anselm. **Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx (comentário sobre o livro de Roman Rosdolsky)**. Disponível em <https://aterraeredonda.com.br/genese-e-estrutura-de-o-capital-de-karl-marx/>.

JOFFILY, Bernardo. **O socialismo é inevitável (!?!)**. São Paulo: Revista Princípio. Ed. Nº 51, 1998. Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/51/cat/1491/o-socialismo-%C3%A9-inevitável-!-!-.html>.

LAPIDUS, I. e OSTROVITIANOV, K. V. **Princípios de Economia Política**. 1º Volume. Rio de Janeiro-RJ: Editorial Calvino Ltda, 1944. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/lapidus/1929/manual/index.htm>.

LARA, Fernando Maccari. **Mercadoria e forma do valor: notas sobre o dinheiro em Marx**. Revista Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 270-289, 2001. Disponível em <https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/ensaios/article/download/2010/2391>.

LENZ, Maria Heloisa. **A categoria econômica renda da terra**. Porto Alegre-RS: Secretaria do Planejamento e da Administração - Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, 4ª Impressão, Nº 1, 1992, p. 23 (Disponível <https://www.bing.com/ck/?!&&p=8b565f4f473fe5a2JmltdHM9MTY5MjU3NjAwMCZpZ3VpZD0wNTFkZWJjZi0xOWY5LTlY0ZGI0MjE1NC1mOTE0MTg2ZjY1YzQmaW5zaWQ9NTAwNg&ptn=3&hsh=3&fclid=051debcf-19f9-64db-2154-f914186f65c4&u=a1aHR0cDovL2Nkbi5mZWUudGNoZS5ici90ZXNlcy9kaWdpdGFsaXphY2FvL3Rlc2VzXzEucGRm&ntb=1>).

_____. **A teoria da renda: Ricardo e Malthus**. Porto Alegre-RS: Ensaios FEE, 6(1):81-104, 1985. Disponível em <https://www.bing.com/ck/?!&&p=42b54f07b0949b01JmltdHM9MTY5NDkwODgwMCZpZ3VpZD0wNTFkZWJjZi0xOWY5LTlY0ZGI0MjE1NC1mOTE0MTg2ZjY1YzQmaW5zaWQ9NTIyOQ&ptn=3&hsh=3&fclid=051debcf-19f9-64db-2154-f914186f65c4&psq=a+teoria+da+renda+da+terra%3a+ricardo+e+malthus&u=a1aHR0cHM6Ly9yZXZpc3Rhcy5kZWUuc3BnZy5ycy5nb3YuYnIvaW5kZXgucGhwL2Vuc2Fpb3MvYXJ0aWNsZS9kb3dubG9hZC84OTkvMTE4NA&ntb=1>.

LIMA, Marcos Costa. **A Crise Financeira de Setembro de 2008 é também uma crise de Paradigma**. Disponível em http://www.centrocelsofurtado.org.br/arquivos/image/201108311552140.MC_LIMA1.pdf.

MACHADO, Gustavo. **Marx e a impossibilidade de reformar a sociedade capitalista**. Disponível em <https://teoriaerevolucao.pstu.org.br/marx-e-a-impossibilidade-de-reformar-a-sociedade-capitalista/>.

_____. **Rosdolsky: Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx**. (vídeo). Série Sugerindo Livros. Canal Orientação Marxista. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QGvNePeLIYQ>.

_____. **Sobre a possibilidade de uma revolução russa nos escritos de Marx.** Revista Verinotio, v. 23 n. 1, 2017. Disponível em <http://www.verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/313/301>.

MACIEL, Jéssica e outros. **O setor bancário brasileiro: Centralização de capitais e alterações na composição orgânica do capital.** Novos estudos. CEBRAP 40 (1), 2021. Disponível em <https://doi.org/10.25091/s01013300202100010006>.

MARIMBONDO, Santiago. **"O capital em geral" e os "múltiplos capitais" / Debate com Michael Heinrich a partir de Roman Rosdolsky.** Site Quilombo Spartacus, 2020. Disponível em <https://quilombospartacus.wordpress.com/2019/09/01/o-capital-em-geral-e-os-multiplos-capitais-debate-com-michael-heinrich-a-partir-de-roman-rostdolsky-2/>.

MARX, Karl Heinrich. A questão judaica. LusoSofia:press, 1989. Disponível em <https://www.bing.com/ck/a?!&&p=e51b4af7b0c39197JmltdHM9MTcwMDUyNDgwMCZpZ3VpZD0wNTFkZWJjZi0xOWY5LT0ZGIzMjE1NC1mOTE0MTg2ZjY1YzQmaW5zaWQ9NTI5Mw&ptn=3&ver=2&hsh=3&fclid=051debcf-19f9-64db-2154-f914186f65c4&psq=emanciapa>

[%c3%a7%c3%a3o+pol](https://www.bing.com/ck/a?!&&p=e51b4af7b0c39197JmltdHM9MTcwMDUyNDgwMCZpZ3VpZD0wNTFkZWJjZi0xOWY5LT0ZGIzMjE1NC1mOTE0MTg2ZjY1YzQmaW5zaWQ9NTI5Mw&ptn=3&ver=2&hsh=3&fclid=051debcf-19f9-64db-2154-f914186f65c4&psq=emanciapa)
[%c3%aditica+&u=a1aHR0cHM6Ly9lZGlzY2lwbGluYXMudXNwLmJyL3BsdWdpbmZpbGUucGhwLzczMTE0MjQvbW9kX3Jlc291cmNlL2NvbnRlbnQvMS9NYXJ4LmBkZg&ntb=1](https://www.bing.com/ck/a?!&&p=e51b4af7b0c39197JmltdHM9MTcwMDUyNDgwMCZpZ3VpZD0wNTFkZWJjZi0xOWY5LT0ZGIzMjE1NC1mOTE0MTg2ZjY1YzQmaW5zaWQ9NTI5Mw&ptn=3&ver=2&hsh=3&fclid=051debcf-19f9-64db-2154-f914186f65c4&psq=emanciapa).

As lutas de classes na França. Disponível em <http://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/marx-e-engels/as-lutas-de-classes-na-franca.pdf>.

_____. **Contribuição crítica da Filosofia do Direito de Hegel.** Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1844/critica/introducao.htm>.

_____. **Grundrisse.** Rio de Janeiro-RJ: Boitempo Editorial, 2011.

_____. e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista.** São Paulo-SP: Editora Martin Claret, Coleção A Obra Prima de Cada Autor, 2000.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro I – O processo de produção do capital.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2ª. Edição, 2017.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro II – O processo de circulação do capital.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2014.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro III – O processo global da produção capitalista.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2017.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro IV. Teorias da mais-valia: História crítica do pensamento econômico.** Rio de Janeiro-RJ: Editora Bertrand Brasil S/A, 2ª. Edição, Volume I, 1987.

_____. **Para a Crítica da Economia Política.** São Paulo-SP: Abril Cultural, Os Economistas, 1982.

_____. **Reflexões de um jovem sobre a escolha de uma profissão.** Disponível em <https://www.docdroid.net/WSkQhrZ/reflexoes-de-um-jovem-sobre-a-escolha-de-uma-profissao-pdf>.

_____. **Teses sobre Feuerbach.** HTML por Jorn Andersen para Marxists' Internet Archive, 25.7.00. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>.

MAYER, Gustav. **Friedrich Engels: Uma biografia.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2020.

MEHRING, Franz. **Karl Marx. A História de Sua Vida.** São Paulo-SP. Editora José Luís e Rosa Sundermann, 2013.

MEYER, Victor. **A dominação do capital fictício.** Gazeta Mercantil, 1998. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/meyer/1998/01/08.pdf#:~:text=Ressalve-se%20que%20a%20denomina%C3%A7%C3%A3o%20de%20capital%20fict%C3%ADcio%20vem,de%20expectativas%2C%20sem%20v%C3%ADnculos%20diretos%20com%20a%20produ%C3%A7%C3%A3o>.

MIGLIOLI, Jorge. **Dominação burguesa nas sociedades modernas.** Crítica Marxista. Campinas-SP. Unicamp. 2010. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo205Artigo1.pdf.

MIRANDA, Marloren Lopes. **Filosofia, Saber Absoluto e Ciência: da Fenomenologia do Espírito à Ciência da Lógica**. Disponível em <https://opiniaofilosofica.org/index.php/opiniaofilosofica/article/view/546/490>.

MORAES, Betânia Moreira de. **As bases ontológicas da individualidade humana e o processo de individuação na sociabilidade capitalista: um estudo a partir do Livro Primeiro de O Capital de Karl Marx**. Fortaleza-CE: Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará - FAGED/UFC, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação Brasileira. 2007, p. 107. Disponível em <https://l1library.org/br/download/874612275562414082>.

MOURA, Alessandro de. **A ruptura de Marx com Hegel: Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Disponível em <https://www.esquerdadiario.com.br/A-ruptura-de-Marx-com-Hegel-Critica-da-filosofia-do-direito-de-Hegel>.

MUSTO, Marcello. **O Encontro de Marx com a Economia Política**. Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/O-Encontro-de-Marx-com-a-Economia-Politica/4/40043>.

NASCIMENTO, Adriano. **Bobbio e a teoria marxista do Estado**. Disponível em <http://periodicos2.uesb.br/index.php/ccsa/article/view/1929>.

NAVARRO, Vera Lucia e PADILHA, Valquíria Padilha. **Dilemas do trabalho no capitalismo contemporâneo**. Coleção Psicol. Soc. 19 (spe), 2007. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000400004>.

NETTO, José Paulo e BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica**. Capítulo 3 – Produção de mercadorias e modo de produção. Itens 3.1.-3.2.-3.5. São Paulo-SP: Cortez Editora, Volume 1, 2021. Disponível em <https://zoboko.com/text/y530je2v/economia-politica-uma-introducao-critica/1>.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao método da teoria social**. Disponível em <https://www.pcb.org.br/portal/docs/int-metodo-teoria-social.html>.

_____. **Introdução ao método de Marx (primeira parte)**. Videoaula. Pós-graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2WndNoqRiq8&t=7s>.

_____. **Introdução ao método de Marx (segunda parte)**. Videoaula. Pós-graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DL3Yocu-1oI>.

_____. **Karl Marx. Uma biografia**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, E-Book, 2020. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=22gHEAAQBAJ&pg=PT428&dq=b%C3%B4nus-hora+de+darimon&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwi13fXEuKTvAhWOILkGHcxnAcoQuwUwAXoECAIQBw#v=onepage&q=b%C3%B4nus-hora%20de%20darimon&f=false>.

_____. **Marx: dialética para principiantes**. Dia M 2022. Canal TV Boitempo Editorial, 2022. Disponível em <https://youtu.be/ywZQnMnGejk>.

_____. **200 anos de Engels –A relevância e atualidade do pensamento de Engels** (vídeo). TV Boitempo Editora – Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=joSyGnijlHg>.

OLIVEIRA, Pedro de. **Karl Marx e seus artigos para o New York Daily Tribune**. Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/152/internacional/3259/karl-marx-e-seus-artigos-para-o-new-york-daily-tribune.html>.

OLIVEIRA JÚNIOR, José Ribamar dos Santos. **O conflito: Marx e o materialismo contemplativo**. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4695/3829>.

PALUDETTO, Alex Wilhans Antonio e ROSSI, Pedro. **O capital fictício: revisitando uma controvérsia**. Instituto de Economia da Unicamp-SP, 2018. Disponível em <https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/3659/TD347.pdf>.

PAULANI, Leda Maria. **O dinheiro e o capital portador de juros em Marx**. Videoaula. Canal Coletivo Arroz Feijão e Economia. Disponível em https://youtu.be/kx0_JwZs5gs.

_____. **Teoria do Valor. Curso O capital de Marx. Curso Livre Marx e Engels**. Videoaula 2. TV Boitempo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=T9x0gFHuON4&t=1221s>.

PECK, Raoul. **O jovem Karl Marx** (filme). Disponível em <https://youtu.be/IX2TDt7kiCM>.

PEIXOTO, Joana. **Artigo Tecnologias e relações pedagógicas: a questão da mediação**. Cuiabá-MT: Revista Educação Pública, v. 25, nr. 591/1, 2016. Disponível em [Date=20230522T222422Z&X-Amz-SignedHeaders=host&X-Amz-Expires=600&X-Amz-Signature=0a66dff2c4bf1f045789b0878d33e7043729bae67591e46b3a6a4b29ee3dffa3](https://www.repositorio.ufmt.br/bitstream/handle/2011-9/100248#:~:text=Logo%2C%20pode%2Dse%20afirmar%20que,se%20incorporou%20a%20seu%20objeto).

PESSOA, Gisele. **Conceito de pessoa: na trajetória filosófica e jurídica** (Artigo). Disponível em <https://jus.com.br/artigos/47003/conceito-de-pessoa-na-trajetoria-filosofia-e-juridica>.

PETERSON, John. **Zinoviev e a degeneração stalinista da Comintern**. Disponível em <https://www.marxismo.org.br/zinoviev-e-a-degeneracao-stalinista-da-comintern/>.

PETO, Lucas Carvalho e VERÍSSIMO, Danilo Saretta. **Natureza e processo de trabalho em Marx**. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100248#:~:text=Logo%2C%20pode%2Dse%20afirmar%20que,se%20incorporou%20a%20seu%20objeto.

PIRES, Marília Freitas de Campos. **O materialismo histórico-dialético e a Educação**. Interface - Comunicação, Saúde, Educação. UNESP, v. 1, n. 1, 1997. Disponível em <http://hdl.handle.net/11449/30353>.

PIRES, Rogério Brittes W.. **Fetichismo religioso, fetichismo da mercadoria, fetichismo sexual: transposições e conexões**. Revista de Antropologia. São Paulo-SP, 2014, v. 57, nº 01. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/ra/article/download/87763/90692/0>.

POCHMANN, Márcio. **As crises do capitalismo**. Introdução a David Harvey – Aula #2. TV Boitempo Editorial, 2021. Disponível em <https://youtu.be/EzsytOBnIrk>.

QUINTEIRO, Thiago. **A consciência em Hegel, a pós-modernidade e a esquerda alienante**. Disponível em <https://www.pocosja.com.br/2019/07/19/a-consciencia-em-hegel-a-pos-modernidade-e-a-esquerda-alienante/>.

RAMOS, Ary. **O Estado está se transformando em orientador da precarização do trabalho**. Entrevista com Ludmilla Costhek Abílio. Disponível em <https://www.aryramos.pro.br/o-estado-esta-se-transformando-em-orientador-da-precarizacao-do-trabalho-entrevista-com-ludmilla-costhek-abilio/>.

REDYSON, Deyve. **Ludwig Feuerbach e o Jovem Marx: A Religião e o Materialismo Antropológico Dialético**. Disponível em <http://www.periodicos.ufc.br/argumentos/article/view/18979>. Fortaleza-CE: Argumentos. Revista de Filosofia, 2011.

RIEDEL, Manfred. **Dialética nas instituições. Sobre a estrutura histórica e sistemática da filosofia do direito de Hegel** (tradução de Selvino José Assmann). Disponível em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Artigos/dialetica_hegel.pdf.

ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx**. Rio de Janeiro-RJ: Contraponto Editora, 2001.

ROSSI, Rafael. **Teses ad Feuerbach e a educação**. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732019000200085.

RUTKOSKI, Márcio Moraes. **O Papel das Crises para a Teoria de Marx sobre a Derrocada do Capitalismo**. Dissertação (Mestrado em Economia). Florianópolis-SC: Programa de Pós-Graduação em Economia (PPGE), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2004, Capítulo 4, item 4.1 (Disponível em <https://1library.org/document/yrov09jy-papel-crisis-para-teoria-marx-sobre-derrocada-capitalismo.html>).

SAES, Flávio Azevedo Marques e SAES, Alexandre Macchione. **História Econômica Geral**. Item 3.3. São Paulo-SP: Editora Saraiva, 2013.

SANTIAGO, Emerson. **O Capital**. Disponível em <https://www.infoescola.com/livros/o-capital/>.

_____. **Socialismo Científico**. Disponível em <https://www.infoescola.com/politica/socialismo-cientifico/>.

SANTOS, Roberval de Jesus Leone dos. **Marx, Proudhon e Darimon: diálogos sobre o dinheiro**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, Revista Crítica Marxista, 2001. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/03rober.pdf.

SARTORI, Vitor Bartoletti. **De Hegel a Marx: da inflexão ontológica à antítese direta**. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2014000200014.

SECCO, Lincoln. **Quem tem medo de Karl Marx?** Revista Jacobin Brasil, 2019. Disponível em <https://jacobin.com.br/2019/11/quem-tem-medo-de-karl-marx/>.

SEGAL, L. **O Desenvolvimento Econômico da Sociedade**. Introdução ao Estudo do Marxismo. Rio de Janeiro-RJ: Editora Calvino Ltda. 1945. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/estudo/segal/04.htm>.

SEGRILLO, Angelo. **Karl Marx e a Revolução Russa**. Rio de Janeiro-RJ: Colaborações Especiais. Estud. hist. 30, 2017. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S2178-14942017000200010>.

SILVA, Giliad de Souza. **O que são os esquemas de reprodução de Karl Marx**. Uberlândia-MG: Instituto de Economia e Relações Internacionais – Universidade Federal de Uberlândia, Economia e Ensaio, número 37, 2022, p. 55 (Disponível em https://www.researchgate.net/publication/358279817_O_que_sao_os_esquemas_de_reproducao_de_Karl_Marx_What_are_the_reproduction_schemes_of_Karl_Marx).

SIQUEIRA, Juliano. **Ludwig Feuerbach e o materialismo antropológico (ou o crepúsculo da antropologia filosófica)**. Rio de Janeiro-RJ: Jornal Inverta, Edição 492, 2017. Disponível em <https://inverta.org/jornal/@@search?SearchableText=Ludwig+Feuerbach+e+o+materialismo+a+antropol%C3%B3gico>).

SIQUEIRA, Vinícius. **A dialética de produção e consumo – Karl Marx**. Site Colunas Tortas, 2014. Disponível em <https://colunastortas.com.br/producao-e-consumo-em-marx/>.

SITE ALGO SOBRE. **Materialismo**. Disponível em <https://www.algosobre.com.br/sociofilosofia/materialismo.html>.

SITE BING. **Devir**. Disponível em <https://www.bing.com/search?q=devir&cvid=20d4ac9bda814c08968e70a030a5422b&aqs=edge.0.0l8j69i60.1510j0j1&pqlt=515&FORM=ANNTA1&PC=LCTS&ntref=1>.

SITE BLOG PURA ECONOMIA. **Joan Robinson (1903-1983)**. Disponível em <https://puraeconomia.blogspot.com/2005/03/joan-robinson-1903-1983.html>.

SITE BRASIL ESCOLA. **Trabalho escravo contemporâneo**. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/escravidaos-nos-dias-de-hoje.htm>.

SITE CAFÉ COM SOCIOLOGIA. **O que é capital para Marx**. Disponível em <https://cafecomsociologia.com/o-que-e-capital-para-marx/>.

SITE CONCEITO DE. **Laboriosidade**. Disponível em <https://www.conceitode.com.br/conceito-de-laboriosidade>.

SITE CONCEITOS. **Apropriação**. Disponível em <https://conceitos.com/apropriacao/>.

SITE CONTROLAÇÃO. **Significados. Composição orgânica do capital**. Disponível em <https://www.controlacao.com.br/significado/composicao-organica-do-capital>.

SITE DICIONÁRIO DE FILOSOFIA. **Alienação**. Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefiosofia/alienacao>.

SITE DICIONÁRIO DE FILOSOFIA. **Matéria**. Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefiosofia/mat%C3%A9ria>.

SITE DICIONÁRIO DE FILOSOFIA. **Substância**. Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefiosofia/subst%C3%A2ncia>.

SITE DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. **Capital**. Disponível em <https://www.dicionarioetimologico.com.br/capital/>.

_____. **A ideologia alemã**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Ideologia_Alem%C3%A3.

-
- _____. **Alfred Darimon**. Disponível em https://fr.wikipedia.org/wiki/Alfred_Darimon.
- _____. **Anais Franco-Alemães**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Deutsch-Franz%C3%B6sische_Jahrb%C3%BCher. em
- _____. **Antonio Gramsci**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Antonio_Gramsci.
- _____. **Apologética**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Apolog%C3%A9tica>.
- _____. **Aristóteles**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Arist%C3%B3teles>.
- _____. **A sagrada família**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Sagrada_Fam%C3%ADlia_\(livro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Sagrada_Fam%C3%ADlia_(livro)). em
- _____. **Associação Internacional dos Trabalhadores**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Associa%C3%A7%C3%A3o_Internacional_dos_Trabalhadores. em
- _____. **Ateísmo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ate%C3%Adsmo>.
- _____. **Austromarxismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Austromarxismo>.
- _____. **Axioma**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Axioma>.
- _____. **Baruch Espinoza**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Baruch_Espinoza.
- _____. **Bruno Bauer**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Bruno_Bauer.
- _____. **Burguesia**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Burguesia>.
- _____. **Capital**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Capital_\(economia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Capital_(economia)).
- _____. **Capitalismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo>.
- _____. **Capitalismo Industrial**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismoindustrial>. em
- _____. **Classe social**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Classesocial>.
- _____. **Cogito ergo sum**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Cogito_ergo_sum.
- _____. **Comuna de Paris**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Comuna_de_Paris.
- _____. **Comunismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Comunismo>.
- _____. **Contribuição à crítica da economia política**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Contribui%C3%A7%C3%A3o_para_a_Cr%C3%ADtica_da_EconomiaPol%C3%Adica. em
- _____. **Corporações de ofício**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Corpora%C3%A7%C3%A3o_de_of%C3%Adcio. em
- _____. **Coruja de Atena**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Coruja_de_Atena.
- _____. **Crise de 1857**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_de_1857.
- _____. **Crise do capitalismo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_do_capitalismo.
- _____. **Crítica ao Programa de Gotha**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADtica_ao_Programa_de_Gotha. em
- _____. **David Ricardo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/David_Ricardo.
- _____. **De cada qual, segundo sua capacidade; a cada qual, segundo suas necessidades**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/De_cada_qual,_segundo_sua_capacidade;_a_cada_qual,_segundo_suas_necessidades.
- _____. **Democracia direta**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Democracia_direta. em
- _____. **Demócrito**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dem%C3%B3crito>.
- _____. **Devir**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Devir>.
- _____. **Dialética**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dial%C3%A9tica>.
- _____. **Die Neue Zeita**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Die_Neue_Zeita.

-
- _____. **Dinheiro**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dinheiro>.
- _____. **Direita política**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Direita_\(po%C3%Adtica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Direita_(po%C3%Adtica)).
- _____. **Ditadura**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura>.
- _____. **Ditadura do proletariado**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura do proletariado](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura_do_proletariado). em
- _____. **Divisão social do trabalho**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Divis%C3%A3o_social_do_trabalho. em
- _____. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Do_Socialismo_Ut%C3%B3pico_ao_Socialismo_Cient%C3%Adfico. em
- _____. **Economia Clássica**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_c%C3%A1ssica. em
- _____. **Economia marxiana**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_marxiana.
- _____. **Economia Neoclássica**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_neoc%C3%A1ssica. em
- _____. **Economia Política**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_po%C3%Adtica. em
- _____. **Economicismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Economicismo>.
- _____. **Enfiteuse**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Enfiteuse>.
- _____. **Epicuro**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Epicuro>.
- _____. **Era dos Descobrimentos ou Era das Grandes Navegações**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Era_dos_Descobrimentos. em
- _____. **Esquerda política**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Esquerda_\(pol%C3%ADtica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Esquerda_(pol%C3%ADtica)).
- _____. **Estado Burguês**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Estado_Burgu%C3%Aas.
- _____. **Eugen von Bawerk**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Eugen_von_B%C3%B6hm-Bawerk#Trabalhos_publicados.
- _____. **Ferdinand Lassalle**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ferdinand_Lassalle. em
- _____. **Fetichismo da mercadoria**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Fetichismo_da_mercadoria. em
- _____. **Feudalismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Feudalismo>.
- _____. **Fim da história**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Fim_da_hist%C3%B3ria. em
- _____. **Fiscalismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fiscalismo>.
- _____. **Força de trabalho**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7a_de_trabalho.
- _____. **Forças produtivas**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7as_produtivas.
- _____. **Friedrich Engels**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Engels.
- _____. **Fuso têxtil**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Fuso_\(t%C3%Aaxtil\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fuso_(t%C3%Aaxtil)).
- _____. **Gazeta Renana**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rheinische_Zeitung.
- _____. **Georg W. F. Hegel**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Georg_Wilhelm_Friedrich_Hegel. em
- _____. **Gustav Eckstein**. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Gustav_Eckstein.
- _____. **Hegelianismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hegelianismo>.
- _____. **Helene Demuth**. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Helene_Demuth.
- _____. **Henryk Grossman**. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Henryk_Grossman.
- _____. **História da Moeda**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Moeda#Hist%C3%B3ria>.

- _____. **História do comunismo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_comunismo. em
- _____. **Humanismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Humanismo>.
- _____. **Idealismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Idealismo>. em
- _____. **Idealismo alemão.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Idealismo_alem%C3%A3o.
- _____. **Iluminismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Iluminismo>.
- _____. **Império Austro-Húngaro.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81ustria-Hungria>.
- _____. **Influências em Karl Marx.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Influ%C3%Aancias_em_Karl_Marx. em
- _____. **Infraestrutura e superestrutura.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Infraestrutura_e_superestrutura. em
- _____. **Instituto Marx-Engels-Lenin (IMEL).** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/InstitutoMarx-Engels-Lenin>. em
- _____. **Jean de Sismondi.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean_de_Sismondi.
- _____. **Jean-Jacques Rousseau.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Jacques_Rousseau.
- _____. **Jenny von Westphalen.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Jenny_von_Westphalen.
- _____. **Jovens hegelianos.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Joven_hegelianos.
- _____. **Karl Heinrich Marx.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Marx.
- _____. **Karl Kautsky.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Kautsky.
- _____. **Lei do valor.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_do_valor.
- _____. **Libra.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Libra_\(massa\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Libra_(massa)).
- _____. **Liga dos comunistas.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Liga_dos_Comunistas.
- _____. **Livre associação de produtores.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Livreassocia%C3%A7%C3%A3o_\(comunismo_e_anarquismo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Livreassocia%C3%A7%C3%A3o_(comunismo_e_anarquismo)).
- _____. **Ludwig Feuerbach.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ludwig_Feuerbach.
- _____. **Lukács.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Gy%C3%B6rgy_Luk%C3%A1cs.
- _____. **Lumpenproletariat.** Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Lumpenproletariat#Etymology>.
- _____. **Luta de classes.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Luta_de_classes.
- _____. **Mais-trabalho.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-trabalho>.
- _____. **Mais-valia (mais-valor).** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-valia>.
- _____. **Manifesto do Partido Comunista.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_Comunista. em
- _____. **Manuscritos econômico-filosóficos.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuscritos_Econ%C3%B4micos_e_Filos%C3%B3ficos_de_1844. em
- _____. **Marxismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Marxismo>.
- _____. **Matéria.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mat%C3%A9ria_\(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mat%C3%A9ria_(filosofia)).
- _____. **Materialismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo>.
- _____. **Materialismo dialético.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo_dial%C3%A9tico. em
- _____. **Materialismo histórico.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo_hist%C3%B3rico. em
- _____. **Meios de produção.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Meios_de_produ%C3%A7%C3%A3o.

-
- _____. **Mercado Livre**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercado_livre.
- _____. **Mercadoria no marxismo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercadoria#No_marxismo. em
- _____. **Mercantilismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercantilismo>.
- _____. **Metafísica**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Metaf%C3%Adsica>.
- _____. **Metodologia da Economia**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Metodologia_da_economia. em
- _____. **Mikhail Tugan-Baranovski**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mikhail_Tugan-Baranovski. em
- _____. **Modo de produção**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Modo_de_produ%C3%A7%C3%A3o. em
- _____. **Modo de produção socialista**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mododeprodu%C3%A7%C3%A3osocialista>. em
- _____. **Moeda fiduciária**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Moeda_fiduci%C3%A1ria.
- _____. **Monarquia constitucional**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Monarquia_constitucional. em
- _____. **Mutualismo**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mutualismo_\(economia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mutualismo_(economia)).
- _____. **Narodnik**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Narodnik>.
- _____. **Narodniks**. Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Narodniks>.
- _____. **Nikolai Bukharin**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Nikolai_Bukharin.
- _____. **Nikolai Danielson**. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Nikolai_Danielson.
- _____. **Nova Gazeta Renana**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Neue_Rheinische_Zeitung.
- _____. **O capital**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Capital.
- _____. **O capital – Lei**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Capitalei.
- _____. **Opio do povo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93pio_do_povo.
- _____. **Otto Bauer**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Otto_Bauer.
- _____. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_18_de_Brum%C3%A1rio_de_Lu%C3%Ads_Bonaparte. em
- _____. **Padrão ouro**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Padr%C3%A3o-ouro>.
- _____. **Pierre-Joseph Proudhon**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre-Joseph_Proudhon.
- _____. **Práxis**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%A1xis>.
- _____. **Proletariado**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Proletariado>.
- _____. **Reificação**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Reifica%C3%A7%C3%A3o_\(marxismo\)#cite_note-1](https://pt.wikipedia.org/wiki/Reifica%C3%A7%C3%A3o_(marxismo)#cite_note-1). em
- _____. **Reino da Hungria**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_da_Hungria.
- _____. **Reino da Prússia**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_da_Pr%C3%BAssia.
- _____. **Reino de Itália**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_de_It%C3%A1lia_\(1861%E2%80%931946\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_de_It%C3%A1lia_(1861%E2%80%931946)). em
- _____. **Relações de produção**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rela%C3%A7%C3%B5es_de_produ%C3%A7%C3%A3o. em
- _____. **Rene Descartes**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ren%C3%A9_Descartes.
- _____. **Republicanism**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Republicanism>.
- _____. **Revolução de 1848 nos estados alemães**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es_de_1848_nos_Estados_alem%C3%A3es.

- _____. **Revolução francesa.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o Francesa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Francesa).
- _____. **Revolução Gloriosa.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o Gloriosa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Gloriosa).
- _____. **Revolução Industrial.** Disponível em [https://en.wikipedia.org/wiki/Industrial Revolution](https://en.wikipedia.org/wiki/Industrial_Revolution).
- _____. **Revolução russa de 1917.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o Russa de 1917](https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Russa_de_1917).
- _____. **Revoluções de 1848.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es de 1848](https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es_de_1848).
- _____. **Roman Rosdolsky.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Roman Rosdolsky](https://pt.wikipedia.org/wiki/Roman_Rosdolsky).
- _____. **Rosa Luxemburgo.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Rosa Luxemburgo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rosa_Luxemburgo).
- _____. **Rudolf Schlesinger.** Disponível em [https://en.wikipedia.org/wiki/Rudolf Schlesinger](https://en.wikipedia.org/wiki/Rudolf_Schlesinger).
- _____. **Rudolf Hilferding.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Rudolf Hilferding](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rudolf_Hilferding).
- _____. **Segunda Internacional.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda Internacional](https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Internacional).
- _____. **Segunda Revolução Industrial.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda Revolu%C3%A7%C3%A3o Industrial](https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Revolu%C3%A7%C3%A3o_Industrial).
- _____. **Ser.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ser>.
- _____. **Sergei Bulgakov.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Sergei Bulgakov](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sergei_Bulgakov).
- _____. **Sobre a questão judaica.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Sobre a Quest%C3%A3o Judaica](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sobre_a_Quest%C3%A3o_Judaica).
- _____. **Socialismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo>.
- _____. **Socialismo democrático.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismocient%C3%Adfico>.
- _____. **Socialismo utópico.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismout%C3%B3pico>.
- _____. **Sociedade comunista.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade comunista](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade_comunista).
- _____. **Substância.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Subst%C3%A2ncia \(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Subst%C3%A2ncia_(filosofia)).
- _____. **Tableau Economique.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Tableau %C3%A9conomique](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tableau_%C3%A9conomique).
- _____. **Táler.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/T%C3%A1ler>.
- _____. **Taxa de exploração.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Taxa de explora%C3%A7%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Taxa_de_explora%C3%A7%C3%A3o).
- _____. **Teoria da revolução permanente.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria da revolu%C3%A7%C3%A3o permanente](https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_da_revolu%C3%A7%C3%A3o_permanente).
- _____. **Teoria do desenvolvimento desigual e combinado.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Desenvolvimento desigual e combinado](https://pt.wikipedia.org/wiki/Desenvolvimento_desigual_e_combinado).
- _____. **Teoria do socialismo em um só país.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo em um s%C3%B3 pa%C3%ADs#:~:text=O%20%22socialismo%20em%20u%20s%C3%B3,por%20Josef%20Stalin](https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo_em_um_s%C3%B3_pa%C3%ADs#:~:text=O%20%22socialismo%20em%20u%20s%C3%B3,por%20Josef%20Stalin).
- _____. **Teoria do valor-trabalho.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria do valor-trabalho](https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_do_valor-trabalho).
- _____. **Teoria populacional malthusiana.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria populacional malthusiana](https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_populacional_malthusiana).
- _____. **Teses sobre Feuerbach.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Teses sobre Feuerbach](https://pt.wikipedia.org/wiki/Teses_sobre_Feuerbach).
- _____. **Thomas Malthus.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Thomas Malthus](https://pt.wikipedia.org/wiki/Thomas_Malthus).
- _____. **Trabalho assalariado e capital.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Trabalho Assalariado e Capital](https://pt.wikipedia.org/wiki/Trabalho_Assalariado_e_Capital).

_____. **Unificação da Alemanha.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Unifica%C3%A7%C3%A3o da Alemanha](https://pt.wikipedia.org/wiki/Unifica%C3%A7%C3%A3o_da_Alemanha). em

_____. **Usura.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Usura>.

_____. **Valor de troca no marxismo.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor de troca#:~:text=Para%20o%20marxismo%2C%20valor%20de,desse%20produtos%20tenha%20sido%20o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_de_troca#:~:text=Para%20o%20marxismo%2C%20valor%20de,desse%20produtos%20tenha%20sido%20o). em

_____. **Valor de uso.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor de uso](https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_de_uso).

_____. **Vladimir Lenin.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lenin>.

SOUZA, Osmar Martins de e DOMINGUES, Analéia. **Emancipação política e humana em Marx: Alguns apontamentos.** São Paulo-SP: Revista Eletrônica Arma da Crítica, N. 04, 2012. Disponível em http://www.armadacritica.ufc.br/phocadownload/artigo4_20131.pdf.

STRAUCH, Ottolmy. **Marshall: Princípios de Economia.** São Paulo-SP: Abril Cultural, Os Economistas, 1982.

TEIXEIRA, Adriano Lopes Almeida. **Mais-Valia ou Mais-Valor.** Uberlândia-MG: Economia Ensaios (v. 34 nº 2), Instituto de Economia e Relações Internacionais – Universidade Federal de Uberlândia, 2020. Disponível em <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeconomiaensaios/article/view/45288>.

TIBILE, Jean. **Marx contra o Estado.** Revista Brasileira de Ciência Política. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-33522014000100003&script=sciarttext&tlng=pt>. em

VAISMAN, Ester. **Marx e a Filosofia: elementos para a discussão ainda necessária.** Belo Horizonte-MG: Revista Nova Economia (Departamento de Ciências Econômicas da UFMG), vol.16, nº 2, 2006. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63512006000200005.

VIANA, Nildo. **A teoria da população de Marx.** Goiânia-GO: Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Boletim Goiano de Geografia, v. 26, n. 2, jul/dez 2006, Universidade Federal de Goiás (UFG). Disponível em https://www.researchgate.net/publication/272856870_A_TEORIA_DA_POPULACAO_EM_MARX.

VIEIRA, Pedro. **Os duvidosos fundamentos da economia política: o caso da mercadoria força de trabalho.** Disponível em <http://www.anpec.org.br/encontro2004/artigos/A04A008.pdf>.

VIEIRA, Zaira Rodrigues. **Althusser e o significado da dialética em Marx.** Disponível em <https://pdfs.semanticscholar.org/8fac/372ef3c4eee595b57f78e1370ea4a8a8e61b.pdf>. em

XIMENES, Olavo Antunes de Aguiar. **Aproximação à categoria de modo de produção nos Grundrisse (1857-1858) de Karl Marx.** Dissertação para obtenção do título de Mestre em Filosofia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas-SP, 2017. Disponível em <https://1library.org/article/capital-constante-capital-vari%C3%A1vel-modo-produ%C3%A7%C3%A3o-capitalista-capital.qvpn1gdq>.